

Leia nesta edição

Editorial **pg. 4**

Tema de capa

Entrevistas

- Marly Winckler:** Vegetarianismo : uma postura ética e filosófica **pg. 5**
Peter Singer: Pela igualdade das espécies **pg. 9**
Tom Regan: Direitos dos animais: uma extensão dos direitos humanos **pg. 12**
Aris La Tham: O poder das comidas cruas **pg. 16**
Dilip Barman: O gosto do alimento cultural **pg. 19**
Danielle Ferraz: A moda do futuro deve ser ecologicamente correta **pg. 23**
Magda Körbes: Cristianismo, alimentação e cura **pg. 26**
Sandro de Souza Ferreira: Os animais e a questão da alteridade **pg. 29**

Brasil em Foco

- Anselmo Luís do Santos:** “ O País nunca enfrentou tanto desemprego na sua história urbana e industrial ” **pg. 32**

Destaques da semana

Artigo da Semana

- Marcel Gauchet:** Um mal mítico e bem inencontrável **pg. 38**

Filme da Semana

- O Último Mitterand* **pg. 40**

Teologia Pública

- Paul Valadier:** A separação entre a fé e a razão **pg. 43**

Deu nos Jornais

pg. 49

Frases da Semana

pg. 51

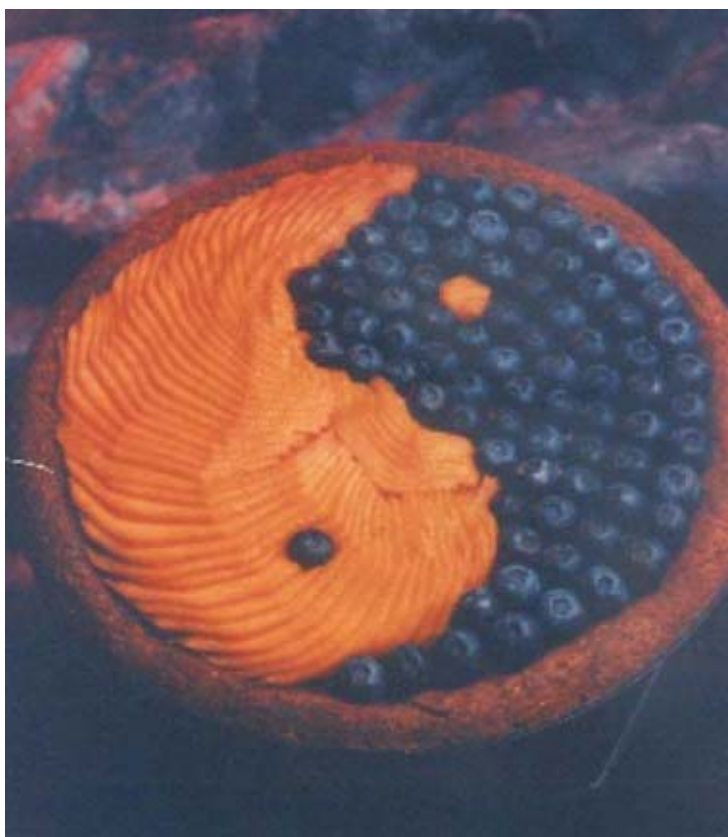
Destaques On-line

pg. 52

Eventos
pág. 60

Sala de Leitura
pág. 73

IHU Repórter
pág. 74



Por uma ética do alimento Sobriedade e compaixão

O turbo-consumidor da sociedade do hiperconsumo, descrito por Gilles Lipovetsky no livro **Le bonheur paradoxal. Essais sur la société d'hyperconsommation** (Gallimard, 2006), é alguém que se informa, vigia a qualidade dos alimentos, controla o seu

conteúdo. Beber e comer entraram na era da reflexividade (Anthony Giddens) e da responsabilidade individual, atesta o autor francês. Nada a ver com a felicidade suprema dos bacanais com os quais Dionísio abria seu paraíso selvagem. O sujeito responsável e reflexivo, autônomo, entregue ao controle de si, cada vez mais se preocupa com a sua alimentação. Assim, nós,

hiperconsumidores, vamos nos dando conta de que o modo de nos alimentarmos é insustentável e, por isso, incapaz de ser universalizado. Mais. Além de predador e ecologicamente insustentável ele implica na dominação e no sofrimento violento impetrado aos animais.

Peter Singer, que acaba de publicar o livro **The way we eat. Why our food choices matter?** e Tom Regan, autor do livro **Empty Cages: Facing the Challenge of Animal Rights (Jaulas Vazias**, recém publicado em português), nas entrevistas publicadas nesta edição, refletem sobre o desafio de uma ética da alimentação.

As entrevistas com a catarinense Marly Winckler, organizadora do I Congresso Vegetariano Brasileiro e Latino-Americano, recém realizado em São Paulo, com o panamenho Aris La Tham, chef vegetariano famoso por seus alimentos feitos ao sol, com o americano Dilip Barman, defensor dos direitos dos animais, com a jornalista e produtora de moda Danielle Ferraz, coordenadora do desfile 1^ª ModaCOMpaixão, realizado em São Paulo, com Magda Körbes, irmã religiosa que coordena o Instituto Ecumênico Popular L'AMIGO, localizado no município de Penha, em Santa Catarina, e com Sandro de Souza Ferreira, promotor de Justiça e mestrando em Filosofia na Unisinos, complementam a discussão do tema de capa desta edição.

“O País nunca enfrentou tanto desemprego na sua história urbana e industrial”, constata, por sua vez, o economista Anselmo Luís dos Santos, professor e pesquisador da Unicamp na entrevista em que analisa a política econômica brasileira. Já o economista Octavio Augusto Camargo Conceição, professor na UFRGS, reflete sobre a importância da Escola da Regulação, comentando a obra **A violência da Moeda**, de Michel Aglietta e André Orléan que será apresentada, nesta quarta, na Livraria Cultura de Porto Alegre. Enfim, no filme **O Último Mitterand**, de Robert Guédiguian, o grande líder socialista francês, no ocaso da sua vida, entre vaidoso e profético, afirma: “Depois de mim, só haverá financistas e contadores”. As análises dos dois economistas, sob óticas diferentes, parecem dar razão a Mitterand, representado portentosamente pelo ator Michel Bouquet no filme da semana desta edição.

A todas e todos, uma ótima semana e uma excelente leitura!

Vegetarianismo: uma postura ética e filosófica

Entrevista com Marly Winckler



“O principal fator de destruição da Floresta Amazônica é a criação de bovinos”, constata a socióloga catarinense Marly Winckler, em entrevista concedida por telefone à *IHU On-Line*, logo após o encerramento do I Congresso Vegetariano Brasileiro e Latino-Americano, realizado em São Paulo de 4 a 8 de agosto, do qual ela foi a organizadora. A contraproposta é o vegetarianismo. Na conversa, Marly reflete sobre as questões ambientais ligadas à criação dos animais, bem como sobre suas questões éticas e econômicas. A pesquisadora disse que quem quer um mundo melhor deve estar envolvido em sua construção, e assim tem que tomar uma atitude quanto ao consumo de carne e avaliar a sua procedência, verificando se o animal que originou

o bife que temos no prato foi criado com dignidade. Marly Winckler é a tradutora para o português do livro *Animal liberation*. New York: Harper Collins, 2002 (*Libertação animal*. Porto Alegre: Lugano, 2004), do filósofo Peter Singer. Além de socióloga e tradutora, Winckler é vegetariana desde 1982. Ela criou o Sítio Vegetariano (www.vegetarianismo.com.br) e modera as listas de discussão sobre vegetarianismo “veg-brasil” e “veg-latina”. É coordenadora para a América Latina e o Caribe da União Vegetariana Internacional (IVU - www.ivu.org/latin-america.html), com sede na Inglaterra. Preside a Sociedade Vegetariana Brasileira (www.svb.org.br) e é autora dos livros *Vegetarianismo – Elementos para uma Conversa Sobre*. Florianópolis: Ed. Rio Quinze, 1992 e *Fundamentos do Vegetarianismo*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2004.

IHU On-Line - Como você define a causa comum do vegetarianismo?

Marly Winckler - O vegetarianismo é um regime alimentar. Ele tem a ver, primordialmente, com comida, mas cada vez mais se torna uma postura ética e filosófica diante da vida. Ele se volta

para pessoas que estão preocupadas com um mundo novo, um mundo melhor, que eu penso ser a maioria, pois ninguém está satisfeito com as coisas do jeito que estão. Quando as pessoas entram em contato com o vegetarianismo, percebem que ele tem

um impacto positivo sobre o meio ambiente, porque a dieta baseada na carne tem um impacto muito negativo. Por sua vez, há também a questão dos animais em si, a postura ética de não aprovar tantos maus tratos com eles. Isso começa já na criação. É cada vez mais difícil ver animais soltos no pasto, no campo. E chegará um dia em que eles irão para a panela. Cem por cento dos suínos são criados confinados, impedidos dos seus instintos mais básicos, e separados da família. Por isso, vivem em um estresse muito grande. Os criadores são obrigados a ministrar a eles grandes doses de antibióticos, utilizando até hormônios de crescimento, embora isso seja proibido. Esses animais também são tirados da vida muito jovens, não têm a oportunidade de viver uma vida inteira, com as experiências que só a idade traz. Qual é o direito que nós temos de fazer isso? Queremos um mundo de paz. Como vamos plantar violência e colher a paz? Todas essas questões estão bastante ligadas ao vegetarianismo. Neste evento, abordamos todas essas questões e mais outros aspectos.

***IHU On-Line* - O vegetarianismo estaria definido pela exclusão da carne na dieta alimentar e por quais outros fatores?**

Marly Winckler - O vegetarianismo tem a ver com a exclusão das carnes, todas elas, não só a bovina. Para nós, as carnes brancas também são carnes, da mesma maneira. Tudo o que implica a morte de um animal, o vegetarianismo não permite consumir, senão a pessoa não é vegetariana. Mais e mais, percebemos, também, que há muita crueldade envolvida no processo de geração de leite e ovos. Assim, cresce esse contingente de “veganos”, que são os

vegetarianos restritos. Eles excluem tudo o que vem do reino animal, envolvendo sua alimentação, seu vestuário e todo o seu consumo. Os veganos têm essa compaixão com os animais e não querem se envolver com tanta crueldade.

***IHU On-Line* - Quais são as dimensões do impacto ambiental no consumo de carne?**

Marly Winckler - São vários aspectos. O principal fator de destruição da Floresta Amazônica, por exemplo, é a criação de bovinos. Em segundo lugar, está a plantação de soja. A soja é para quem? Quem consome soja no Brasil? É um contingente muito pequeno de pessoas, porque ela é usada para fazer o óleo. Fora disso, não existe nem estatística. Não é um alimento que esteja no cardápio do brasileiro. Essa soja é para dar aos animais como ração, para depois devolver, a cada sete ou nove quilos de ração, um quilo de carne. Então, é uma dieta que gera um prejuízo enorme, além de estar destruindo a Amazônia. Com a destruição da mata, perdemos também toda a nossa diversidade, uma riqueza imensa que nem conhecemos e estamos destruindo. Lá já tem muito mais bois do que gente. É uma rota de destruição.

Indústria da carne e contaminação das águas

A principal indústria que utiliza e contamina a água é a indústria da carne. Além de ser utilizada na plantação do pasto, cereais e soja, os animais bebem muita água. E, finalmente, eles geram muitos dejetos. O boi gera dez vezes mais dejetos que o homem. E para onde vai tudo isso? Não tem onde colocar, porque a quantidade é exorbitante. Isso vai diretamente para os córregos, açudes,

riachos e contamina também os lençóis freáticos. Esse é um problema gravíssimo. No estado de Santa Catarina, onde eu vivo, é uma situação quase calamitosa. E atrás dessa criação de animais, existe a questão ética do sofrimento imposto a eles e a saúde do próprio ser humano. Uma dieta centrada na carne é geradora das principais doenças que levam ao óbito nas sociedades ocidentais, como cardiopatias, diabetes, vários cânceres e pressão alta. Por exemplo, o câncer do intestino, em 88% dos casos, está ligado a uma dieta centrada na carne.

***IHU On-Line* - Há muito pouca informação sobre isso. Deve haver interesses fortes para que as informações não apareçam...**

Marly Winckler - O hábito de a carne ocupar um lugar tão central na dieta do ser humano é novo na história da humanidade. Sem ir muito longe, não havia nem como estocar, pois não havia geladeira, salvo em lugares com geleiras. Agora há essa facilidade de obter a carne. Além disso, os grupos se organizaram e existe um forte *lobby* nisso. No próprio Congresso Brasileiro, a bancada ruralista, que tem um poder enorme de persuasão, luta por seus interesses. Por incrível que pareça, os mesmos grupos que distribuem carne, distribuem também material didático nas escolas de Nutrição. Isso é absurdo. Há uma grande desinformação até dos profissionais de saúde. Mas não quer dizer que instituições idôneas, como a Associação Americana de Nutrição, não tenham um parecer sobre o que é dieta vegetariana. A Associação Americana de Nutrição, que é uma associação de nutricionistas, que formaram um comitê e estudaram a dieta vegetariana, tem um parecer de que a dieta vegetariana é

perfeitamente saudável e apresenta benefícios para a saúde, na prevenção e na cura de doenças. Esse é um parecer científico. Além disso, eles acrescentaram recentemente que todo profissional tem obrigação de estimular as pessoas que querem se tornar vegetarianas, porque reconhecem que essa prática traz enormes benefícios para a saúde.

***IHU On-Line* - O governo brasileiro tem alguma sensibilidade com esse tipo de discussão?**

Marly Winckler - Absolutamente. Pelo contrário, Lula transformou a Granja do Torto¹ em uma churrascaria. Ele fez uma reforma enorme para ficar mais adequada ao consumo de carne. Não tem sensibilidade para isso. Essa é uma atitude bastante incoerente da parte dele, porque a bandeira do seu governo foi o Fome Zero. Não sei se vai continuar sendo, pois não ouvi falar mais nada a respeito disso. Se quisermos também dar comida para todos, a carne não é o melhor caminho. Se fôssemos reprisar essa dieta padrão ocidental para todos, o Planeta não seria suficiente. Precisaríamos de dois a três planetas a mais. Quem está preocupado em dar alimento para todos, não pode ter a carne no centro do prato. Quem vai ficar de fora? Os mais excluídos. Então, essa é uma dieta antiética também sob esse aspecto. Não acredito que seja de má fé, mas é um viés conflituoso muito grande que um presidente e um partido proponham uma campanha de fome

¹ Granja do Torto: uma das residências mantidas pela Presidência da República, é uma propriedade localizada fora do Plano Piloto de Brasília, com características de casa de veraneio (nota da *IHU On-Line*).

zero e não levem em conta esse aspecto tão importante.

IHU On-Line - Em algumas sociedades ocidentais, como a gaúcha e outras, a carne tem quase um papel cultural...

Marly Winckler - Exatamente, muito forte. Quem não quiser mudar, continue. Mas eu penso que quem diz querer um mundo melhor, tem que construí-lo. Esse mundo que temos é fruto da nossa ação. Ele não caiu do céu por descuido, e nós não estamos sujeitos a ele sem fazer nada. Quem quer um mundo melhor também é obrigado eticamente a promover mudanças nas suas atitudes. Essa é uma delas. Não tenho a menor dúvida de que não poderemos avançar muito como humanidade se não mudarmos a nossa dieta.

IHU On-Line - Poderia falar um pouco sobre a feira "Veg cultural" que houve no Congresso?

Marly Winckler - A nossa proposta é de estimular que empresas comecem a produzir produtos que possamos consumir com consciência. Estimulamos esse consumo ético, de respeito aos alimentos, aos animais, de respeito humano, porque não existe uma coisa sem a outra. O que estimulamos é que os produtos sejam feitos totalmente sem nada de origem animal. Tanto produtos de vestuário, como de higiene e limpeza, estão pesadamente calcados em produtos de origem animal. Por exemplo, quase todos os sabonetes e xampus que circulam no mercado têm sebo animal.

IHU On-Line - Como o consumidor sabe disso?

Marly Winckler - É preciso desconstruir aquilo que consumimos,

ver a origem, a procedência do alimento. Com relação à carne, precisamos conferir a procedência do bife, de onde veio. Essa carne faz parte do corpo de um animal. É importante saber como ele foi criado e abatido.

IHU On-Line - Isso é mais difícil de reconhecer em produtos de limpeza e cosméticos?

Marly Winckler - É mais difícil porque é cuidadosamente escondido. Ninguém gostaria de esfregar sebo no corpo. Se a pessoa soubesse que o sabonete contém sebo, ficaria até um pouco resistente. Eu, por exemplo, compro sabonete sem sebo animal e quando não tenho a chance de usar esse produto, quando estou em um hotel, e tenho que usar o sabonete que há lá, tenho a sensação de estar me sujando, fica uma coisa "grudenta" no corpo. As pessoas se acostumam com tudo. Não porque não existam essências naturais e vegetais maravilhosas. Acontece que a indústria precisa aproveitar todos os produtos que são gerados da morte do animal. A carne é um dos cinquenta e tantos produtos que o boi gera. Do boi, além da carne, tudo é aproveitado, o sangue, o couro, os ossos, os chifres.

IHU On-Line - A senhora traduziu o livro de Peter Singer, *Libertação Animal*. Quais as repercussões dessa obra, no Brasil?

Marly Winckler - Peter Singer é um marco da libertação animal, movimento que nasceu a partir da publicação do seu livro *Animal liberation* (New York: Harper Collins, 2002), em 1973. Ele capta esses momentos da história, conseguindo verbalizar aquilo que muita gente estava sentindo, mas que ninguém tinha encontrado o "click" para isso, não tinha despertado para essa mudança na

maneira de criar os animais. Singer descreveu todo esse processo. Ele iniciou um movimento de grupos organizados que querem a libertação dos animais. No nosso Congresso, houve a criação do Instituto Abolicionista, que visa justamente a abolição dos últimos escravos, que são os animais.

IHU On-Line - O que seria a moda ética e compassiva?

Marly Winckler - É um desfile que organizamos para o Congresso, também para estimular o desenvolvimento dessa moda. A moda é um mundo de muita vaidade e superficialidade. No entanto,

como precisamos nos vestir, pois não podemos andar nus por aí, queremos trabalhar com essa moda, mas com um conceito de respeito aos animais, mostrando que é perfeitamente possível nos vestirmos sem nada de materiais de origem animal, nem pele, nem seda, nem lã, nem couro. Organizamos isso com escolas de moda. Esse evento aconteceu em parceria com a Escola de Moda da UDESC (Universidade Estadual de Santa Catarina). No Congresso Mundial, trabalhamos com um conceito mais amplo, o *veg-fashion*. Além das escolas, convidamos empresas que trabalham com esse conceito para participar.

Pela igualdade das espécies

Entrevista com Peter Singer



Em entrevista exclusiva, por e-mail, à *IHU On-Line*, o filósofo australiano Peter Singer afirmou que não deveríamos comer produto animal nenhum. Ele comentou sobre os três modelos alimentares mencionados no seu último livro *The way we eat. Why our food choices matter?* New York: Rodale, 2006, escrito com Jim Mason (um advogado, já co-autor do livro *Animal Factories*) e falou que

a dieta norte-americana é desastrosa. No dia 7-8-2006, as *Notícias Diárias* do sítio do IHU publicou uma resenha do livro.

Polêmico, o filósofo utilitarista é considerado um dos maiores filósofos anglo-saxões contemporâneos, seu renome veio após ter escrito o livro *Animal liberation*. New York: Harper Collins, 2002, publicado pela primeira vez em 1975, e disponível em português através da tradução de Marly Winckler: *Libertação animal*. Porto Alegre:

Lugano, 2004. O livro influenciou o movimento pelos direitos dos animais como atualmente o conhecemos. Singer é professor de Bioética da Universidade de Princeton (Nova Jersey/EUA). As idéias Peter Singer foram discutidas na edição 29 do dia 5 de agosto de 2002 com a intervenção de professores da Unisinos: Álvaro Montenegro Valls, Lucilda Selli, José Roque Junge e José Nedel.

IHU On-Line - O que o seu novo livro sugere?

Peter Singer - Que devemos nos tornar vegetarianos.

IHU On-Line - O senhor poderia caracterizar os três modelos mencionados no livro *The way we eat. Why our food choices matter?* (dieta americana standard, omnívoros conscienciosos e vegan)?

Peter Singer - Discutimos as escolhas alimentares de três famílias. A primeira come a dieta padrão norte-americana, que é forte e rica em carne, laticínios e ovos, a maioria proveniente de granjas industriais. A segunda chamamos de “onívoros conscientes”, ou seja, eles comem carne, assim como laticínios e ovos, mas tentam achar fontes mais éticas desses produtos. Então compram alimentos orgânicos, ou com “certificado humano”². A terceira família é de “veganos”³ estritos, eles não

² A expressão mais apropriada para o termo seria “certificado de humanidade”, pois esse “certificado” atesta que o tratamento recebido pelos animais abatidos ou que são usados para a produção de ovos e leite é “humano”, embora alguns vegetarianos questionem o termo por dois motivos: a) se não tratam humanos, o termo é errado; b) matar ou manter produção suficiente de ovos e leite é anti-ético com os animais e nada tem de “humano”. (N. do T.)

³ O termo usado é “vegano” mesmo, e não vegetariano, pois este come produtos

comem nenhum produto animal mesmo.

IHU On-Line - Quais são as conseqüências de cada um desses modelos?

Peter Singer - Sem dúvida, as conseqüências da dieta padrão norte-americana são desastrosas. A maioria desses produtos vem de animais que passaram por fortes processos artificiais de desenvolvimento⁴. Isso significa que precisamos cultivar grãos para alimentá-los, e eles perdem a maior parte do valor alimentar dos grãos e da soja com que são alimentados. Se comêssemos esses produtos vegetais diretamente, causaríamos menos impacto ambiental. Os veganos provocam o impacto menos prejudicial ao ambiente, pois pela dieta exclusiva de vegetais, há menos desperdício de recursos. Mas os onívoros conscientes, pelo consumo de orgânicos, são também responsáveis pela redução do uso de pesticidas e fertilizantes prejudiciais.

animais, apesar de não consumir carne de nenhum tipo. (N. do T.)

⁴ Que passam por forte processo de engorda e crescimento. De modo geral, esse processo é artificial, como no caso dos hormônios administrados em frangos para que cresçam rápido e de forma superior ao crescimento de um frango normal, criado livremente. (N. do T.)

IHU On-Line - Por que devemos ser vegetarianos? Por respeito aos animais somente?

Peter Singer - Não apenas por respeito aos animais, mas também pelo interesse ambiental. A base ética no que concerne aos animais é a consideração igualitária de interesses, e uma rejeição do “especiecismo”⁵, ou seja, a idéia de que simplesmente porque alguns seres não são membros de nossa espécie podemos negligenciar ou ignorar seus interesses.

IHU On-Line - Quais as principais críticas que o livro vem recebendo?

Peter Singer - As indústrias de criação intensiva tentam defender suas práticas, dizendo que são necessárias para alimentar o mundo, mas isso simplesmente não é verdade. Pelo contrário, elas, na verdade, desperdiçam alimentos.

IHU On-Line - O senhor se considera um filósofo utilitarista, ou os críticos o consideram assim? Como o senhor caracterizaria sua filosofia?

Peter Singer - Eu sou um utilitarista⁶. Quer dizer, eu julgo se uma ação é boa, é certa ou errada por suas conseqüências, particularmente na

⁵ **Especiecismo** é análogo a outros preconceitos morais. Racismo, por exemplo. Nesta mesma edição a referência ao termo na entrevista do Tom Regan. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶Na filosofia, utilitarista é aquele que age segundo um princípio ético segundo o qual uma ação ou coisa é boa quando traz benefícios e felicidade ao coletivo, e ruim quando traz menos ou nenhum benefício ao coletivo ou, ainda, quando traz sofrimento à coletividade. (N. do T.)

medida em que satisfaz os interesses de todos os que são afetados por elas.

IHU On-Line - Com que filósofos, ou correntes filosóficas, ou movimentos sociais, o senhor tem mais confrontos intelectuais? Por quem o senhor é mais criticado?

Peter Singer - Geralmente, embora não exclusivamente, com aqueles/as que criticam minhas opiniões com persuasão religiosa. E particularmente aqueles que geralmente dão suporte às opiniões da Igreja Católica (Romana).

IHU On-Line - Por que um chimpanzé tem mais direito à vida do que um feto humano?

Peter Singer - Porque o macaco pode sentir dor, e pode gozar a vida, e tem uma ligação social com outros membros de sua espécie. O embrião não pode sentir nada, e não tem tais ligações.

IHU On-Line - O que implica o vegetarianismo na sua concepção? Estão proibidos carne animal e derivados, inclusive ovos?

Peter Singer - Não tenho muita objeção por comer ovos de galinhas que podem andar livremente lá fora, mas penso que galinhas sofrem imensamente quando mantidas em confinamento, em gaiolas, como a maioria das galinhas poedeiras estão agora. Então devemos boicotar esses ovos. Idealmente, como nossa terceira família, não deveríamos comer produto animal nenhum. Mas sei que isso é muito difícil para muitas pessoas. Sendo assim, ao menos que se evitem produtos de granjas industriais.

Direitos dos animais: uma extensão dos direitos humanos

Entrevista com Tom Regan



Tom Regan é professor emérito de Filosofia da Universidade do Estado da Carolina do Norte. É universalmente reconhecido como líder intelectual do movimento pelos direitos dos animais. Entre suas maiores contribuições estão *The Case for Animal Rights* (1983), *The Struggle for Animal Rights* (1988), *Defending Animal Rights* (2001), and *Animal Rights, Human Wrongs: An Introduction to Moral Philosophy* (2003). Seu mais novo livro *Empty Cages: Facing the Challenge of Animal Rights*, Maryland, 2004 (em português *Jaulas Vazias*, publicado pela Lugano) foi considerado como a melhor introdução aos direitos animais jamais escrita.

Regan recebeu prêmios de excelência no ensino de graduação e pós-graduação, publicou centenas de artigos profissionais e mais de vinte livros, ganhou prêmios internacionais por roteiros e direção de filmes.

Nesta entrevista concedida por e-mail a *IHU On-Line*, Regan definiu o que é vegetarianismo e veganismo e afirmou que o reconhecimento dos direitos dos animais é só uma extensão lógica do reconhecimento dos direitos humanos.

***IHU On-Line* - Como definiria o vegetarianismo e o veganismo? Quais são os benefícios dessas dietas?**

Tom Regan - Vegetarianismo significa não comer carne animal. Isso inclui peixe e aves domésticas. Veganismo significa não comer carne animal assim como não comer produtos derivados de animais, como ovos e queijo. Ambas as dietas trazem importantes benefícios à saúde de seus praticantes. Por exemplo, ambas diminuem as chances de hipertensão, derrames,

diabetes e infartos. Ambas também beneficiam o meio ambiente, pois quanto mais baixo na cadeia alimentar estiver nossa comida, menos o mundo natural é prejudicado. E, é claro, ambas trazem grandes benefícios aos animais, o veganismo principalmente.

***IHU On-Line* - Quais os direitos que os animais têm ou qual deveriam ter?**

Tom Regan - Outros animais não possuem claramente todos os

direitos que nós humanos possuímos. Por exemplo, o direito ao voto e à liberdade de crença religiosa: não faz sentido atribuir esses direitos a eles. Quando se trata de nossos direitos fundamentais, no entanto – direitos à liberdade, integridade física, e à vida – temos razão para acreditar que outros animais têm esses direitos. Por quê? A resposta mais simples, acho, apela para nossas semelhanças fundamentais, nossa igualdade moral. Considere os animais que a indústria transforma em comida, em roupa, em entretenimento, em competidores, em ferramentas. Esses animais são como nós não apenas porque estejam no mundo e cientes do mundo; mais que isso, o que acontece a eles faz diferença na qualidade e na duração de suas vidas, assim como é conosco. Nós e eles somos alguém e não alguma coisa. Nós e eles temos uma biografia, não simplesmente uma biologia. O reconhecimento dos direitos dos animais é só uma extensão lógica do reconhecimento dos direitos humanos.

Evolução dos direitos animais

Como várias mudanças globais, os direitos dos animais crescerão lentamente, dependendo de escolhas individuais feitas por pessoas individuais. Essa revolução moral será empreendida de pessoa para pessoa até atingir um certo ponto, e as mudanças se multiplicarão rapidamente e com grande

intensidade. A esta altura, o movimento está no processo de construção de uma massa crítica. Se pudermos sustentá-la e construir sobre essa massa crítica, mudanças fundamentais poderão e irão ocorrer.

***IHU On-Line* - O que é "especiecismo"?**

Tom Regan – Especiecismo é análogo a outros preconceitos morais. Racismo, por exemplo. Racistas pensam que membros de sua raça são superiores aos membros de todas as outras raças apenas porque eles (mas não outros) pertencem à raça superior. Especiecistas pensam que membros de nossa espécie são superiores a todas as outras espécies apenas porque nós (mas não outros) pertencemos à raça superior. Entretanto, assim como não há raça superior, não há também nenhuma espécie superior. A crença do especiecista não é menos preconceito que a crença do racista.

***IHU On-Line* - O vegetarianismo encontra apoio em alguma religião? Como é este apoio?**

Tom Regan – Sim, o vegetarianismo é a dieta escolhida pelos praticantes de algumas das maiores religiões mundiais⁷, incluindo o hinduísmo, jainismo⁸, budismo e algumas linhas

7 Maiores no sentido de que são as que possuem grande número de adeptos no mundo. (N. do T.)

8 Religião antiga da Índia. (N. do T.)

do judaísmo. Também foi praticado por várias das grandes figuras do passado, como, por exemplo, Ovídio, Horácio, Virgílio, Pitágoras e Maimônides⁹. As pessoas pensam que só excêntricos irracionais e desinformados são vegetarianos, mas a história ensina uma lição bem diferente.

IHU On-Line - O que o senhor acha das idéias de Peter Singer sobre os direitos dos animais?

Tom Regan – Peter Singer não acredita nos direitos dos animais. Essa é uma concepção errônea difundida sobre as idéias dele. (Para uma explicação mais completa, ver meu livro, *Animal Rights, Human Wrongs: An Introduction to Moral Philosophy*,¹⁰). Singer é um utilitarista. O que é certo ou errado, ele pensa, depende das conseqüências de nossas ações, e das conseqüências sozinhas. Então, para Singer, nada de errado é feito aos animais se eles forem usados em pesquisas que levem a conseqüências melhores que se a pesquisa não fosse feita, assim como nada de errado é feito para vacas e porcos se eles são mortos

9 Também conhecido como Moisés Maimônides, Moisés Ben Maimon e Rambam. Foi um filósofo, religioso, codificador rabínico e médico cordobês espanhol que viveu entre os séculos XII e XIII. (Fonte: www.wikipedia.org – N. do T.)

10 Livro ainda não publicado em português. *Animal Rights, Human Wrongs: An Introduction to Moral Philosophy*. Rowman & Littlefield Publishers, 2003. (N. do T.)

(“humanitariamente”, ele insistiria), e as pessoas tenham uma refeição melhor que se tivessem comido salada de espinafre. Ninguém que acredite em direitos dos animais aceita isso. Nossos direitos nos protegem mesmo quando outros podem ganhar mais violando-os. O mesmo é verdadeiro quando os direitos dos animais estão em questão.

IHU On-Line - Quais os perigos que pode haver em interpretações filosóficas utilitaristas?

Tom Regan – Como expliquei no livro mencionado acima, utilitarismo pode justificar assassinato, roubo, assalto físico, até (e isso é algo que o próprio Singer defende) bestialidade¹¹. Esses são valores que eu pessoalmente abomino, motivo pelo qual eu não abraço o utilitarismo.

IHU On-Line - Com quais correntes filosóficas o senhor mais se identifica?

Tom Regan – Uma das principais influências em meu pensamento vem do filósofo Immanuel Kant¹²,

¹¹ Bestialidade é a definição para relação sexual entre um ser humano e um outro animal não-humano. (N. do T.)

¹² **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e

famoso por argumentar que devemos sempre tratar seres humanos como fins, nunca meramente como meios. Outra forma de expressar esse mesmo ponto é dizer que nós nunca devemos tratar-nos como coisas, como uma mesa ou cadeira, um computador ou um iPod. Minha filosofia, expressa mais simplesmente, envolve estender essas idéias kantianas ao nosso tratamento para com outros animais. Eu tento explicar isso de modo não técnico em meu livro mais recente, *Jaulas vazias*.

***IHU On-Line* - O senhor já comeu carne? Em que momento decidiu que não comeria mais carne?**

Tom Regan – Eu comi carne por mais da metade da minha vida. Na verdade, quando eu era jovem, trabalhei como açougueiro. Durante esse período, eu tinha olhos, mas não enxergava; eu tinha ouvidos, mas não ouvia. Minha consciência foi acordada quando decidi lutar pra minimizar meu papel na violência

nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22 de março de 2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os **Cadernos IHU em formação** estão disponíveis para download na página www.unisinos.br/ihu do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. (Nota da *IHU On-Line*)

desnecessária. Mahatma Gandhi¹³ foi uma grande influência. Foi por meio de seus escritos que aprendi pela primeira vez que comer carne não era necessário (para minha vida ou minha saúde, por exemplo) e que os animais em fazendas eram submetidos a uma grande violência, antes e durante seu abatimento. Não quero ter seu sangue em minhas mãos.

***IHU On-Line* - Como as pessoas podem ter uma alimentação ética? Quais os desafios da população mundial para obter esta ética na alimentação, levando em conta que grande parte da população vive na miséria?**

Tom Regan – A situação que encaramos não é *ou* ajudar os humanos *ou* ajudar os animais. Podemos fazer as duas coisas. Por exemplo, podemos dedicar muito de nosso tempo e dinheiro para ajudar a melhorar a saúde e as condições de vida de pessoas vivendo na pobreza, mas ao mesmo tempo podemos estar ajudando os animais não comendo sua carne ou usando suas peles. Na verdade, o melhor advogado da causa dos direitos humanos que eu conheço é também advogado dos direitos dos animais. E vice-versa. Os dois tipos de advocacia se complementam, elas não estão competindo.

¹³ Mahatma Gandhi (1869–1948): Líder pacifista indiano. (Nota da *IHU On-Line*)

O poder das comidas cruas

Entrevista com Aris La Tham



Com exclusividade, por telefone à *IHU On-Line*, Aris La Tham, chef vegetariano famoso por seus alimentos feitos ao Sol, disse que nos alimentos há vida e devemos absorver com eles a energia solar que vão acumulando.

Aris La Tham, panamenho da Zona do Canal, é vegetariano há 34 anos e usa alimentos vegans, crus e vivos, há 28 anos. É descendente direto de uma família de mestres culinários africanos das Índias Ocidentais e tornou-se famoso defensor dos alimentos saudáveis.

Formou-se no campus de Fullerton, da Universidade do Estado da Califórnia, com mestrado em Lingüística. É Ph.D. em Ciência da Alimentação e Nutrição. Trabalhou como administrador de Educação Bilíngüe. Foi eleito um dos melhores chefes vegetarianos dos EUA pela revista *Vegetarian Times*. Já apareceu nas páginas de publicações como *Vegetarian Gourmet*, *Health Quest*, *Upscale*, *Essence* e *Tarzan Fitness Magazine*, do Japão, e do jornal *Washington Post*. La Tham foi homenageado pelo *Raw Food Culinary Masters Showcase* (exposição de mestres da culinária crudívora) no *Swept Away Resort*. Trabalhou como consultor executivo de alimentação do Strawberry Hill Resort e atualmente dá curso para chefs vegans e crudívoros em hotéis internacionais e resorts. Seus serviços no campo da cura e da nutrição estão disponíveis no Spa Detox & Health, St Mary, Jamaica.

***IHU On-Line* - Por que se tornou vegetariano?**

Aris La Tham - Eu me tornei vegetariano na década de 1960. Estava na faculdade e, naquela época, vivia-se um momento de contestação popular nos campus universitários, um movimento de conscientização e de busca por estilos de vida alternativos, então foi uma evolução natural para

mim tornar-me vegetariano. Há mais de 30 anos eu não consumo nenhum tipo de comida cozida. E agora, observando a evolução da minha vida como um todo, em comparação com outras pessoas, eu vejo que, a medida que envelheço, me torno cada vez mais forte, mais criativo, enfim – estou cada vez melhor.

IHU On-Line - O que significa essa opção e como você a vive?

Aris La Tham - Todas as comidas cruas, ou vivas, são um estilo de vida. Deve-se entender que o corpo é composto de muitos líquidos e muitos fluídos então a maior parte do que consumo é em forma de creme. Basicamente, a minha alimentação é composta por vegetais, especialmente os não-protéicos, pasta de vegetais, nozes em geral e algas, essas últimas muito ricas em minerais. Uma porção muito pequena da minha alimentação vem de grãos ou legumes. O que eu consumo, basicamente, é suco de frutas frescas e suco de vegetais e bastante água de coco.

IHU On-Line - Quais são os alimentos considerados saudáveis? Ainda, o senhor poderia explicar com mais detalhes o que é uma comida preparada pelo sol?

Aris La Tham - Quando falamos em tipos de comida mais saudável, devemos ter em mente que não existe apenas um tipo mais saudável de comida. Devemos começar refletindo sobre a finalidade do ato de comer e então devemos buscar aquele tipo de comida que mais satisfaz esse fim. Então, estamos falando de alimentos que são eficientemente processados pelo corpo e que não requerem muito tempo de digestão. Os alimentos cozidos simplesmente destroem as enzimas digestivas, então o corpo é forçado a produzir uma quantidade extra de enzimas, um processo enormemente desgastante para o corpo. Assim, todo o princípio da *sunfire food*, ou alimentos cozidos pelo sol, baseia-se no fato de que o sol cozinha o alimento a medida em que ele cresce, ou seja, a própria transformação de uma semente em fruta ou vegetal que pode ser

comido é, em si, um processo de cozimento. Ou seja, o alimento é cozido pelo sol durante todo o período do seu desenvolvimento. Então, o que eu faço é simplesmente “não fazer nada” com esse alimento, para não destruir a energia solar nele contida. Ainda, esses alimentos são, basicamente, auto-digestíveis.

IHU On-Line- Basicamente, quais são os principais inimigos do alimento saudável?

Aris La Tham- Qualquer alimento que você colocar dentro do seu sistema tem de passar pela corrente sanguínea para que o corpo possa utilizá-lo, para que o corpo tire para si o valor desse alimento. Dessa forma, os alimentos que desafiam esse processo são os mais perigosos para o sistema. Estamos falando de produtos industrializados em geral, de produtos lácteos, de alimentos gordurosos e salgados, de proteína animal e gordura animal. Entre os animais, por exemplo, estão os onívoros, que comem de tudo; herbívoros, que se alimentam do que vem da terra; e frutíferos, que só se alimentam de frutas. O fato de os humanos optarem por serem onívoros é um grande equívoco porque é o pior tipo de sistema de alimentação que existe, principalmente por causa do consumo de carne.

IHU On-Line- Pensando na população mundial como um todo, é possível, economicamente, que todos se tornem vegetarianos?

Aris La Tham- Na verdade, já está provado que custa muito mais dinheiro para produzir proteína animal e que, em termos de custo-benefício, seria muito melhor se a humanidade adotasse uma alimentação vegetariana,

particularmente a alimentação frutífera, que é a que mais se adapta a nós humanos, já que o nosso corpo está mais preparado para esse tipo de alimentação. Frutas como abacate e manga, por exemplo, têm a capacidade de se reproduzir sozinhas, ou seja, cada uma de suas sementes pode gerar uma nova árvore, numa cadeia que pode gerar bilhões de frutos para serem consumidos diretamente pelos seres humanos. Agora, árvores frutíferas precisam ser derrubadas para que o gado possa ser criado e os frangos alimentados. Em suma, o custo de produção dos alimentos de que o corpo realmente necessita para desempenhar suas funções é muito menor.

IHU On-Line- Ser vegetariano traria, então, benefícios econômicos, políticos e éticos?

Aris La Tham- Em primeiro lugar, temos que ter em mente que comer não é uma opção. Nós temos que comer, e isso é facilmente passível de exploração pelos interesses do capital comercial mundial, como as super-mega companhias multinacionais agrícolas, produtoras de fertilizantes, enfim, proprietários de todas as hiper-instalações que são necessárias para manter esse mega negócio chamado agro-business. Então, a opção de ser vegetariano, além de ser muito mais saudável e higiênico, é também uma posição política, pelo menos foi isso que eu aprendi na minha vida estudantil dos anos 1960, nos campus universitários dos Estados Unidos, durante a Guerra do Vietnã, quando a juventude daquela época tinha uma plataforma e queria ser ouvida, que a

verdadeira contracultura era uma alternativa contra o *establishment* político. Dessa forma, ser vegetariano é uma enorme realização em termos políticos e, logicamente, também em termos ambientalistas é uma grande conquista. Enfim, nós temos de achar uma maneira de conscientizar as pessoas sobre a importância da escolha daquilo que elas vão comer, de maneira que fiquem mais seriamente conscientes de quais são as escolhas.

IHU On-Line- Gostaria de acrescentar mais alguma questão para finalizar esta entrevista?

Aris La Tham- Diria que cabe a nós viver nossa vida em força plena, viver a plena capacidade de vida que temos em nós. Então tentar manter um corpo vivo através de comida morta cozida, de comida sem vida, não é cominho certo a tomar. Assim, minha posição em relação à comida, é que há vida na comida que nós comemos! E isso deve ser considerado quando fazemos nossas escolhas. Eu nasci no Panamá e cresci nos Estados Unidos, e conheci diferentes tipos de cozinha – chinesa, africana, européia – totalmente imerso em meus estudos, então eu estou absolutamente consciente do impacto da dieta em diferentes comunidades pelo mundo, então nós temos o legado da comida latino-americana, caribenha que utiliza muitos alimentos frescos e que são realmente muito bons. O processo de cozinhar, embalar, engarrafar, enfim, é tudo muito custoso e desnecessário e não lhe trará os benefícios daquilo que você pode encontrar no seu quintal.

O gosto do alimento natural

Entrevista com Dilip Barman



Dilip Barman, defensor do vegetarianismo e dos direitos dos animais, é presidente da Triangle Vegetarian Society (TVS), sediada na Carolina do Norte (EUA), conselheiro da Vegetarian Union of North America (VUNA) e palestrante da Supporting and Promoting Ethics for the Animal Kingdom (SPEAK), ou Apoio e Promoção da Ética para o Reino Animal. Ele é também engenheiro de software da IBM.

Barman já publicou artigos sobre culinária em vários livros e jornais. Deu aulas de culinária vegetariana em várias instituições. Dilip atua na Internet há mais de dez anos. Sua página é www.dilip.info e o sítio da TVS é www.trianglevegsociety.org.

Por telefone, ele afirmou à *IHU On-Line* que sua opção por ser vegetariano não está relacionada a sua formação profissional na área de design e informática, mas ambas se relacionam a uma postura ética de cuidar a própria saúde e a do planeta, além de valorizar as inúmeras possibilidades que a dieta baseada em plantas oferece.

***IHU On-Line* - Por que tornar-se um vegetariano? Quais as razões para tanto?**

Dilip Barman - Bem, há muitas boas razões para tornar-se vegetariano. Existem evidências éticas e nutricionais, indicando que o melhor a fazer para a nossa saúde é tornar-nos vegetarianos, passar para uma dieta baseada em plantas. Houve uma pesquisa ao longo de sete anos, por exemplo, entre Adventistas do Sétimo Dia¹⁴, uma

religião em que mais ou menos a metade das pessoas é vegetariana. Eles descobriram que vegetarianos vivem sete anos mais que os não-vegetarianos. Constataram também que muitos vegetarianos em idade avançada apresentavam menos doença dos rins, do coração, câncer, eram mais saudáveis nos anos terminais. Outra razão para ser vegetariano é o impacto que causamos ao meio ambiente. Uma dieta baseada em carne exige muitos recursos. De um ponto de vista do bom senso, se nós pensarmos em termos de física, quando convertemos energia, sempre a cada conversão se perde energia, quando se come carne, se

¹⁴ A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) é uma denominação religiosa, classificada de adventista. Foi fundada a partir do Movimento Millerita da década de 1840. (Nota da *IHU On-Line*)

converte de energia solar para energia vegetal para energia animal para a nossa energia, ou seja, em cada passo nesse trajeto, perdemos eficiência. Muita gente que se torna vegetariana, e estava acostumada a comer pratos simples de carne, constata que há tantas alternativas atraentes, tantos tipos de alimento que nem cogitava: tudo quanto é tipo de pratos com feijão, lentilhas, diferentes hortaliças. Observo que muitas pessoas reconhecem que suas possibilidades de alimentação aumentam enormemente. Nos últimos dois anos, com minha esposa, nunca repetimos um jantar. A dieta vegetariana oferece uma enorme flexibilidade. Há também uma questão ética, a ética de viver com simplicidade de modo que outros possam viver sem sofrer. Por que precisamos matar animais, quando podemos ser perfeitamente saudáveis e até mais saudáveis se não os matamos? Algumas pessoas são motivadas pela religião.

IHU On-Line - Quais são as inverdades sobre o vegetarianismo?

Dilip Barman - Há uma série de mitos. Um mito é que os vegetarianos são fracos e magrelos. Se pesquisarmos, notamos que há muitos medalhas de ouro olímpicos que são *vegan*. Tem *vegans* batendo todo tipo de recordes mundiais em atletismo. Um outro mito tem a ver com a obtenção de proteínas. Pelo menos no mundo desenvolvido é extremamente raro algum médico atender um paciente que apresente deficiência proteica. Se alguém se torna vegetariano e só come batata frita, terá não só deficiência proteica, mas muitos outros problemas também. Proteína geralmente não é problema. Pelo menos no mundo desenvolvido, as pessoas, em

geral, inclusive os vegetarianos, estão comendo proteína demais. Se olharmos os maiores animais no mundo, elefantes, chimpanzés, esses maiores animais terrestres são *vegans*, eles obtêm suas proteínas de folhas, ervas, capim e coisas desse tipo. Isso sugere que nós, como vegetarianos obtenhamos nossas proteínas de folhas, ervas, lentilhas, coisas dessa natureza. Então, a proteína não é um problema, a não ser que façamos uma dieta vegetariana baseada em *junk food*¹⁵. Um terceiro mito é o B12¹⁶. Esse sim pode ser um pequeno problema. Se estivermos em dieta de alimentos crus, sem alimentos processados, nada de soja, por exemplo, talvez não recebamos B12 o suficiente. Antigamente recebíamos B12 de frutas e hortaliças cultivadas ao ar livre e que talvez não tivessem sido lavadas cuidadosamente como se faz hoje, então havia o B12 natural do meio-ambiente que se

¹⁵ Termo usado para comidas que não são saudáveis. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁶ A **Vitamina B12** (ou cobalamina, ou ainda cianocobalamina) tem as seguintes funções no nosso organismo: necessária à eritropoiese, e em parte do metabolismo dos aminoácidos e dos ácidos nucleicos. Os alimentos ricos em Vitamina B12 são Carnes vermelhas, Ovos, Leite e Fígado. A carência de Vitamina B12 no organismo pode provocar anemia e alterações neurológicas, progressivas e mortais se não houver tratamento. O excesso pode causar acne. Este é o único nutriente que talvez não seja possível sua ingestão no caso dos *vegans*(as). Inúmeros estudos demonstram que vegetarianos têm níveis sanguíneos mais baixos de B12. Então, deve ser feita uma suplementação da vitamina em cápsulas (via oral) ou injetável. (Nota da *IHU On-Line*)

deposita nas frutas e hortaliças. Ao menos no mundo desenvolvido, o alimento é tão limpo que não recebemos essa dosagem. E só precisamos de 12 microgramas (12×10^{-6} gramas) por dia de B12, e persiste no corpo por muitos meses. Portanto não precisamos de tanto assim. Como *vegan* – muito alimento processado tem bastante B12 – mas se não estivermos comendo alimento processado, é o único suplemento que eu recomendaria para garantir.

***IHU On-Line* - Que alimentos podemos colocar no lugar da carne, por exemplo?**

Dilip Barman- Não gosto de pensar em alimento como substituto. Penso que alimento vegetariano é em si mesmo. As pessoas que são realmente carnívoras e estão interessadas em cortar o consumo de carne, da perspectiva delas eu posso entender que fiquem pensando em como “substituir”. Com exceção das pessoas que passam por uma transição, geralmente não encaro o alimento como substituindo algo. Penso que refeições vegetarianas são muito fortes em si mesmas. No meu blog de alimentos pode se ver muitas receitas. Compus uma dieta baseada em plantas que pode contribuir para a paz e a justiça no mundo no sentido de um equilíbrio do ecossistema.

***IHU On-Line* - Nos EUA, origem dos fast food, deve ser muito difícil a conscientização para uma alimentação ética?**

Dilip Barman - Sim. A dieta padrão americana tem muita gordura, não encarando a qualidade do alimento que comemos, mas a quantidade do que comemos ou a velocidade em comer e

cozinhar. As freqüentes visitas a *fast foods* demonstram isso. Muita gente parece não respeitar seu corpo, sem se importar em pensar o que realmente ingerem quando freqüentam o *fast food*.

***IHU On-Line* - Como o senhor vê a questão dos transgênicos na alimentação?**

Dilip Barman- Transgênicos são motivados por algumas grandes empresas que querem criar alimentos enunciando-os como melhores, porque foram desenvolvidos pela engenharia. Muitas vezes a finalidade dos alimentos transgênicos é o transporte, de modo que o alimento não pereça no transporte, não estrague. É do interesse deles comercializar e vender esses alimentos. Eles têm uma motivação muito mais econômica e prática, não uma motivação com a saúde. Nunca foi o objetivo dos transgênicos promover a saúde em qualquer alimento ou vegetal. Pensando no impacto ambiental, é muito negativo. Alimentos transgênicos podem contaminar plantações não-transgênicas. Isso se tornou um grande problema no mundo em desenvolvimento. Com certeza isso é um problema no país dos meus pais, a Índia, onde alguns produtores de transgênicos estão tentando controlar o produto que indianos estão produzindo faz séculos. Agora estão tentando dizer que deveriam receber *royalties* por algo que simplesmente está crescendo de forma bem natural por milênios.

***IHU On-Line* - Considerando que apenas 4 bilhões de pessoas estão bem nutridas no mundo, com 6 bilhões de habitantes, como o vegetarianismo poderia ser uma**

alternativa ao problema da subalimentação ?

Dilip Barman - O vegetarianismo até agora é o único caminho viável, se nos preocuparmos com distribuição de alimentos. Produzi um folheto chamado *Paz e justiça no mundo*, discutindo como gastamos muita energia para gerar alimento baseado em carne. Se o mundo todo de repente se tornasse vegetariano, passaríamos de uma escassez de alimentos para uma abundância de alimentos. A razão é que comeríamos o alimento diretamente, as plantas gerariam o alimento, e nós o comeríamos. Por exemplo, são necessárias duas ordens de magnitude de água para criar alimento baseado em carne, em comparação com alimento baseado em plantas. E a água potável simplesmente está acabando. Certamente estaríamos ajudando a alimentar e a obter alimento em todo o mundo se todos nós optássemos por uma dieta baseada em plantas. É digno de nota que a maioria dos países do mundo até bem recentemente era basicamente vegetariana.

IHU On-Line - Como o senhor combina seu trabalho em ciência e design computacional com a prática e o ensino do vegetarianismo?

Dilip Barman - Simplesmente é minha vida. Eu gosto de ser vegetariano, gosto

das vantagens de ter muito menos doenças desde que parei de consumir derivados de leite. Nunca mais tive um resfriado, e eu costumava ter bastante resfriado e gripe todos os anos. Ser vegetariano me ajuda a ser um profissional mais forte, não tenho que enfrentar os mesmos problemas de saúde que muitos outros têm. Profissionalmente, minha formação é em ciência da computação e design, mas estou motivado pela ética, que para mim é a razão primordial para ser vegetariano.

IHU On-Line - Como funciona seu blog de alimentos? Quem costuma lê-lo?

Dilip Barman- Tudo quanto é tipo de gente, recebo muitos e-mails. Minha motivação ao criar o blog era passar uma mensagem positiva sobre por que e como é gostoso alimentar-se dessa forma. Não tento passar uma mensagem negativa, fazendo as pessoas ficarem nervosas por causa da sua saúde. O blog dá às pessoas na Internet uma opção de sentir grande diversidade de plantas e alimentos, e espero que influencie as pessoas na sua dieta.

A moda do futuro deve ser ecologicamente correta

Entrevista com Danielle Ferraz



Durante o 1º Congresso Vegetariano Brasileiro e Latino-americano, realizado em São Paulo de 4 a 8 de agosto, aconteceu o 1º modaCOMpaixão, desfile com roupas, acessórios, cintos, bolsas, calçados e cosméticos fabricados sem componentes de origem animal. Esse é um projeto voltado para escolas de moda, sendo que nesta edição foi a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) a responsável pelo desenvolvimento dos *looks*, sob a coordenação da professora Neide Schulte.

A coordenação do desfile foi da jornalista e produtora de moda Danielle Ferraz. *IHU On-Line* entrevistou Danielle, por telefone, sobre o conceito e os objetivos do modaCOMpaixão: desenvolver a moda do futuro com ética e preocupação ecológica e social. Consumo ético, comércio justo, respeito ao meio ambiente e aos animais, sustentabilidade, solidariedade e reutilização são alguns dos conceitos que fundamentam a proposta das peças apresentadas na passarela. Nelas, não foram utilizadas peles, couro ou outros produtos de origem animal. Foi dada ênfase a materiais orgânicos, de fibras naturais, que não agredem o meio ambiente.

Danielle Ferraz é jornalista (vencedora do Prêmio Abril de Jornalismo de 2001) e consultora de moda. Além de ser colaboradora das principais editoras e emissoras de TV do País, Danielle atua na área de reposicionamento de imagem para empresas, na concepção e direção de desfiles e eventos e é docente do Senac Moda, em São Paulo.

***IHU On-Line* - Como a senhora define o conceito "modaCOMpaixão"?**

Danielle Ferraz - A idéia surgiu de um artigo que eu escrevi, intitulado *Chique*

*é ser consciente*¹⁷. Esse artigo aborda a moda atual, considerando que eu não me conformo que, com tantos recursos

¹⁷ O artigo está disponível no sítio <http://www.vegetarianismo.com.br/peles/ferraz.html> (Nota da *IHU On-Line*)

disponíveis, com a indústria têxtil tão desenvolvida, a ponto de produzir qualquer tipo de tecido e material, os animais ainda sejam mortos de maneira tão cruel, simplesmente para ter a sua pele retirada e essa pele ser sinônimo de glamour. Ao mesmo tempo, eu contestei alguns aspectos da moda hoje, como a questão do consumismo excessivo, quando o Planeta precisa que seus recursos sejam poupados. A partir disso, surgiu a idéia de fazer desfiles de moda que chamamos de moda consciente e ecologicamente correta. Foi quando surgiu o **modaCOMpaixão**, que, na minha definição, é uma moda ecologicamente correta e preocupada com o meio ambiente e com os animais.

IHU On-Line - Como foi o desfile do 1º modaCOMpaixão? Quais as repercussões?

Danielle Ferraz - A primeira edição de desfiles com essa moda foi realizada em Florianópolis, em 2005, e teve o título de *Vegfashion*. Foi algo mais grandioso que o desfile desse ano. Tivemos várias marcas e dois dias de evento, sendo o desfile do segundo dia feito com roupas desenvolvidas pelos estudantes da UDESC. Na edição deste ano, foram apenas os estudantes da UDESC que apresentaram suas roupas. Mas o desfile teve uma boa repercussão, as pessoas gostaram muito, inclusive os modelos que desfilaram quiseram comprar as roupas de tanto que gostaram.

IHU On-Line - Para onde está voltada a prática das Escolas de Moda no Brasil e fora dele? Quais as principais tendências? A ecologia e a preservação estão entre elas?

Danielle Ferraz - Estão, com certeza. As escolas que preparam os novos

estilistas precisam voltar-se para essas questões, porque já chegou o momento em que o Planeta não suporta mais. É preciso buscar a reutilização em todas as áreas. E a moda, que é um meio de comunicação, precisa levantar primeiramente essa bandeira, assim como já vem fazendo.

IHU On-Line - Como será a moda do futuro?

Danielle Ferraz - A moda do futuro está muito ligada às questões ecológicas, na busca de poupar os recursos e na reutilização de materiais. É uma moda ecologicamente correta, que realmente combina com o atual momento que vivemos no Planeta e que está preparando as próximas gerações para que as pessoas sejam consumidoras mais conscientes. Precisamos entender que é o consumidor que vai fazer as empresas se reestruturem com relação à preocupação ambiental. É o consumidor que vai fazer uma pressão para que esses produtos surjam em larga escala.

IHU On-Line - É possível pensar uma moda ética, ecológica e socialmente correta no universo do luxo e do consumo desenfreado com o qual os consumidores da moda estão habituados?

Danielle Ferraz - Em primeiro lugar, precisamos realizar uma mudança no consumidor, o que já está começando. Já há um movimento nesse sentido. A nova geração, em função da educação nas escolas, já é muito mais consciente ambientalmente do que nós. As crianças já se preocupam muito mais com o desperdício de água, com a questão da poluição. Isso já vem de berço, é algo que precisa ser trabalhado desde a

infância. Eu creio que esses novos consumidores, os jovens que questionam mais esses valores, com certeza vão ajudar a difundir essa moda ecologicamente correta. Há espaço para essa moda e quanto mais o consumidor for mudando de mentalidade, mais produtores que busquem essa nova prática vão surgir.

***IHU On-Line* - Como foram feitas as peças apresentadas na passarela?**

Danielle Ferraz - As peças foram feitas com tecidos reutilizados de roupas doadas. Esse foi o conceito que surgiu com base no artigo "Chique é ser consciente": fazer uma moda ecologicamente correta apenas com tecidos reutilizados e usando também como conceito a solidariedade, embutida na questão da doação. O que não é mais usado nós reutilizamos para fazer novas roupas. Não vamos customizar a roupa, mas reutilizar o seu tecido. Tinha muita peça de retalho, que chamamos de *patchwork*, além de aplicações e bordados. Estava tudo muito bem trabalhado. Inclusive teve uma linha de biquínis feitos com

retalho, tudo muito colorido, porque foram aproveitados tecidos picadinhos de vários lugares. Tinha roupas feitas com tecidos de mais de 30 anos, que foram feitas com roupas muito antigas, que as pessoas não usavam mais e estavam no armário. Nossa idéia é difundir esse conceito de doar o que não usam e reutilizar o tecido para criação de novas roupas.

***IHU On-Line* - Qual a importância que a senhora vê em desenvolver um evento como esse?**

Danielle Ferraz - O Congresso Vegetariano foi importante porque não discutiu só o vegetarianismo no sentido de não comer carne. Falou-se do impacto ambiental do consumo excessivo de carne, do que é feito nos bastidores com os animais, do impacto disso na saúde. Nesse contexto, pegamos carona no modaCOMpaixão, porque também combatemos a idéia de animais que são vítimas da moda e que acabam sendo mortos de maneira muito cruel apenas pelo status do uso de um casaco de pele.

Cristianismo, alimentação e cura

Entrevista com Magda Körbes

Localizado no município Penha, no Estado de Santa Catarina, o Instituto Ecumênico Popular L'AMIGO (IEP L'AMIGO), centro de medicina alternativa, baseado no naturismo, um trabalho de prevenção à saúde. "O objetivo é que as pessoas tomem a sua vida e a sua história na mão e sem dependências", explica a irmã Magda Körbes, coordenadora do Instituto, em entrevista por telefone à *IHU On-Line*. O IEP L'AMIGO trabalha com terapias naturais: hidroterapia, geoterapia, fitoterapia, talassoterapia, massoterapia, reiki etc., buscando a recuperação energética das pessoas. "Saúde para nós é energia, é preciso recuperar a corrente natural e vital para obter a saúde", salienta. Magda Körbes é religiosa da Fraternidade Esperança, formada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina e especialista em Orientação Educacional pela mesma Universidade. Trabalhou durante nove anos na Pastoral de Saúde, na diocese de Joinville, SC e quatorze, na Saúde Preventiva Popular.

***IHU On-Line* - Que relações podemos estabelecer entre vegetarianismo e cristianismo?**

Magda Körbes - O vegetarianismo é uma mentalidade e uma atitude ecológica. Hoje com a destruição do Planeta, o vegetarianismo e o consumo ético são alternativas que nascem para proteger a vida. O Oriente é muito mais zeloso pelas terapias naturais do que o Ocidente. No cristianismo, se nós olharmos as curas de Jesus, foram todas na linha natural. Ele despertava a energia das pessoas e ajudava a tomarem sua vida nas próprias mãos, integrando-as na sociedade. Usava a saliva e o barro como símbolos energéticos. As raízes do cristianismo são orientais. O Ocidente se perdeu muito no consumismo, no capitalismo, e fez da doença um comércio. A

indústria farmacêutica é uma das maiores indústrias do Planeta. Os remédios químicos, em geral, trazem muitos problemas colaterais. Na cura pelo natural, trabalha-se na dimensão energética, quer dizer, as plantas vão de acordo com a energia das pessoas. Não são todas as plantas que servem para todas as pessoas. Por isso, normalmente é preciso testar para verificar que plantas se harmonizam com a pessoa. As plantas têm uma energia mais elevada que o ser humano. Assim, elas têm a possibilidade de recuperar a nossa energia vital por meio dos chás, dos sucos etc. Os recursos naturais não são remédios e sim complementos alimentares ou dinamizadores de energia.

IHU On-Line - Qual seria a mística que há no estilo de vida que vocês propõem?

Magda Korbes - Nossa mística consiste em ver a vida na sua globalidade, levando em conta a saúde física, a emocional, a mental, a social e a espiritual. A proteção da vida, a proteção dos animais, a saúde das pessoas, o ecossistema são o nosso objetivo. Os vegetais têm muito mais energia que o ser humano. É por isso que as plantas têm a capacidade de revitalizar a energia humana. A carne é um alimento de segunda categoria. Nós trabalhamos com as fontes energéticas que são o sol, o ar, as plantas, a terra, a água. O ser humano é um ser ligado à terra, e a sua saúde depende das fontes energéticas. Essas fontes energéticas estão em perigo. A terra está envenenada pelos agrotóxicos, as plantas e os alimentos cheios de veneno, o sol com a camada de ozônio comprometido, o ar e a água poluídos. A vida está em perigo porque as fontes energéticas estão em perigo. A nossa mística é proteger a vida, tanto dos animais, quanto das plantas, e especialmente das pessoas. O ser humano foi criado para administrar a vida no Planeta: esta é a sua missão.

IHU On-Line - Como seria uma alimentação saudável?

Magda Körbes - É muito relativo. A questão da alimentação hoje é uma questão muito problemática. Devemos não apenas levar em conta a quantidade de alimentos, mas também a qualidade. Já existem muitos projetos que visam à produção natural de verduras, frutas e cereais. Feliz de quem tem acesso a eles. Também não dá para dizer que não se deva comer carne nenhuma. O melhor é eliminá-la do

cardápio. Entretanto, pode acontecer que alguma pessoa em situações especiais necessite de alguma carne, e o mesmo dá para dizer dos ovos e dos laticínios. O problema é que se fez do consumo da carne um agronegócio. O problema hoje é o agronegócio, que faz dinheiro e lucro em cima do animal, desrespeitando sua vida e seus direitos e criando sérios problemas no meio ambiente. Recomendo um vídeo chamado *A carne é fraca* (documentário sobre o consumo de carne de Denise Gonçalves). Ele dá orientação para a proteção dos animais e denuncia a exploração do agronegócio.

O jejum

IHU On-Line - A alimentação na forma como vocês a concebem tem alguma relação com o sentido do jejum no cristianismo?

Magda Körbes - Tem. No nosso trabalho, a alimentação também é uma desintoxicação. As pessoas, na sua maioria, vivem altamente intoxicadas. A monodieta tem como objetivo a desintoxicação do corpo. Ela consiste em comer apenas uma qualidade de alimento por dia: ou verduras, ou frutas, ou sucos. O jejum é uma desintoxicação mais profunda, é preparado pela monodieta. Temos sempre quatro dias de preparação para o jejum e quatro dias para sair do jejum. O jejum é altamente necessário, não só para a saúde, mas também para recuperar o poder vital das pessoas por dentro, a disciplina interior. O jejum dá uma energia especial para as pessoas. As pessoas, em geral, têm medo do jejum, mas quando fazem a experiência, percebem o quanto ele é benéfico, não só para a saúde física, mas especialmente para a saúde emocional

e espiritual. O jejum é um dos melhores remédios para quase todas as doenças.

IHU On-Line - Seria esse também o sentido do jejum quaresmal?

Magda Körbes - Está relacionado, mas a pessoa se prepara para assumi-lo com mais objetivo e consciência. Para se curar, a pessoa tem que renunciar. Ela precisa renunciar à sua gula, aos seus caprichos, à moleza, à acomodação e a várias coisas de suas relações pessoais e familiares. Normalmente, diz-se que na moleza não há saúde. Não é, porém, o sacrifício pelo sacrifício. O jejum faz ressurgir a energia interior e um forte sentimento de solidariedade, de fraternidade com quem passa fome. Do jejum, faz parte o processo do perdão e da reconciliação. O perdão-amor consiste em aceitar, acolher, assumir e harmonizar a própria vida e a própria história. Esse é o caminho da cura.

IHU On-Line - Como funciona o Instituto? Ele é aberto ao público?

Magda Körbes - Ele é aberto ao público, só que nós atendemos as pessoas em grupo de 12, máximo 20 pessoas. Chamamos isso de treinamento intensivo. Não é um SPA e não é uma clínica. As pessoas ficam aqui durante 10 dias. O treinamento é participativo, a pessoa faz e aprende fazendo as terapias. Ao mesmo tempo que ela se trata, ela vai aprendendo todas as terapias, para depois quando estiver em casa, poder continuar e, se ficar doente, saber como se curar. Há uma mudança de hábitos, mas também uma mudança de valores, e esse é o fundamental. Mudança de valores é o essencial. Isso exige mudança de comportamentos e de opções. Na correria do dia-a-dia, a pessoa esquece de cuidar da sua vida, da sua fé e de suas relações. É preciso

colocar o dinheiro a serviço da vida e não a vida a serviço do dinheiro. Infelizmente a nossa estrutura social faz da vida uma constante luta pela sobrevivência.

IHU On-Line - O treinamento está relacionado a uma experiência de espiritualidade cristã?

Magda Körbes- Sim. O treinamento visa ao encontro da pessoa consigo mesma, descobrindo as causas de suas doenças e dos males que a afligem. Normalmente são quatro dias de preparação para o dia do jejum e quatro dias de saída do jejum. O grande dia é o dia do jejum, dia do perdão e da reconciliação consigo mesma, com os outros e com Deus. Sabemos que as mágoas, os ressentimentos, as raivas, os ódios e a falta de aceitação de si, são fontes para a doença. Quem ama não adocece, diz o título de um livro. No primeiro domingo, faz-se um grande dia do perdão, uma celebração explícita de perdão e de reconciliação, e o dia do jejum é o dia de revisão de vida. Temos também todos os dias uma hora de meditação com um tema direcionado para a pessoa se encontrar consigo mesma. No final, fazemos uma grande celebração de ação de graças. Todo o treinamento é um processo de cura.

IHU On-Line - Qual é o perfil das pessoas que chegam no IEP L'amigo?

Magda Körbes - Normalmente, as pessoas que vêm até nós, chegam extremamente cansadas, deprimidas, com auto-estima baixa, desanimadas, doentes, com um grande vazio existencial. Os perfis são muito diversos, bem como as classes sociais. Aceitamos qualquer pessoa, desde que ela se queira curar e acredite na cura pelo

natural. Damos preferência aos excluídos dos meios modernos de tratamento, mas estamos abertos a todos. Como o Instituto é Latino Americano, já treinamos um grande grupo de pessoas do Paraguai, da Bolívia, do Equador, algumas pessoas do Uruguai, da Argentina, de alguns países da Europa, da África etc. Somos uma equipe popular, que nós chamamos de monitores. Os monitores são preparados para serem facilitadores durante a terapia. Nós não curamos ninguém, é a pessoa que se cura. Mergulhando na energia da natureza, a pessoa vai tomando consciência, vai mudando hábitos, vai tomando o processo de sua cura nas próprias mãos. Alguns são profissionalizados em massagem, em reflexologia, em acupuntura, em fitoterapia. Os monitores ajudam as pessoas a

assumirem as terapias, ensinam como fazê-las. Todo o dia tem uma hora de palestra e orientação. Tem uma fundamentação teórica e dinâmicas de grupo para a integração e relações interpessoais.

***IHU On-Line* - Também há médicos dentro da equipe?**

Magda Körbes - Não. Já vieram médicos participar do treinamento, mas na equipe não há médicos, porque não assumimos pessoas que estão em acompanhamento clínico. Nós assumimos as pessoas com condições de ainda pegar a sua saúde na mão. Quando é um caso clínico não aceitamos, porque não é a nossa especialidade. Ajudamos a pessoa a cuidar da sua saúde, a cura da doença é uma consequência.

Os animais e a questão da alteridade

Entrevista com Sandro de Souza Ferreira

Sandro de Souza Ferreira é formado em direito pela Unisinos, Promotor de Justiça em Novo Hamburgo, professor de direito ambiental e de direito penal na FEEVALE. Atualmente cursa mestrado em filosofia na Unisinos. Sua dissertação, que será defendida no próximo dia 24 de agosto de 2006 leva o título *O próximo de Kierkegaard, o outro de Lévinas e a condição animal*. Ferreira concedeu entrevista à *IHU On-Line*, por e-mail. Confira, a seguir, trechos da entrevista.

***IHU On-Line*- Como os conceitos de Próximo, de Kierkegaard, e de Outro,**

de Lévinas, podem ser pensados em relação à condição animal?

Sandro Ferreira- A ética pensada a partir da alteridade, na qual a responsabilidade assume o papel primordial, inclusive em face da liberdade, pode apresentar-se como um bom caminho. É nesse contexto que sobressaem os nomes de Kierkegaard¹⁸ e de Lévinas¹⁹, filósofos que pensaram a alteridade e a responsabilidade de formas inovadoras.

A ética da alteridade

Kierkegaard e Lévinas pensaram a ética a partir da alteridade. E a responsabilidade dela decorrente, quer assuma o nome de renúncia de si, quer assuma o nome de substituição, não encontra limites. A vontade e a autonomia cedem ante a presença heteronômica de uma alteridade que não coincide com o Eu. No encontro é despertado o amor – para Kierkegaard – ou o desejo metafísico – para Lévinas –, ambos marcados pela insaciabilidade, pela infinitude e impensáveis na ordem da economia. Nem Kierkegaard nem Lévinas expuseram, diretamente, uma ética endereçada aos animais. Em que pese o silêncio de Kierkegaard e de Lévinas, a ética da alteridade, tal como por eles pensada, pode, entretanto, apresentar-se como uma boa perspectiva de encaminhamento do debate acerca da condição animal. Caso se entenda

¹⁸ **Soren Kierkegaard** (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista *Paulo e Kierkegaard*, realizada com o Prof. Dr. Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10 de abril de 2006, da *IHU On-Line*. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁹ **Emmanuel Levinas**: filósofo e comentador talmúdico, nasceu em 1906, na Lituânia, e faleceu em 1995, na França. (Nota da *IHU On-Line*)

que o perfeccionismo de Aristóteles²⁰ e de Tomás de Aquino²¹ – ainda que relido e com o acréscimo de uma renovada reta razão – não possa dar conta dos intrincados problemas que cercam nossas relações com os animais – nem sempre assim tão edificantes – e caso se entenda que as vozes de Singer e de Regan, por vezes, pareçam ceder ante as fortes objeções que lhes são opostas, Kierkegaard e Lévinas apresentam-se como alternativas plausíveis de diálogo. Kierkegaard fala que a forma mais desinteressada de amar é recordar uma pessoa falecida. O morto nada exige e, em relação a ele, não se pode esperar qualquer retribuição. Se Kierkegaard estiver certo, amar um animal pode ser a segunda forma mais desinteressada de amar.

IHU On-Line- É possível compatibilizar ética animal e alimentação para uma população mundial em constante crescimento?

Sandro Ferreira- Não sei se é possível essa compatibilização. Peter Singer e Tom Regan sugerem que sim. O fato é que, mesmo as superestruturas que utilizam animais como fonte de geração de proteínas não dão conta, atualmente, de alcançar alimentos a todas as pessoas. E mesmo que a criação de animais em escala industrial fosse capaz de cumprir esse mister, permaneceria problemática a questão acerca da eticidade dessa solução.

²⁰ **Aristóteles de Estagira** (384 a. C. – 322 a. C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. (Nota da *IHU On-Line*)

²¹ **Tomás de Aquino** (1227-1274): frade dominicano e teólogo italiano, considerado santo pela Igreja. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line- Do ponto de vista jurídico, quais são os direitos dos animais. Quais foram as mudanças e os progressos pelos quais passou a legislação nos últimos anos?

Sandro Ferreira- Os animais, atualmente, são vistos com bens passíveis de apropriação, de comercialização e de abate não-criminal. Não há ilicitude – exceto quando a morte de um animal implicar em significativo dano ao meio ambiente – em quitar a vida de um animal. Existem apenas leis que vedam a prática de atos cruéis contra os animais, mas que não trazem qualquer garantia contra uma possível quitação não-criminal.

Nosso direito permanece vinculado às estruturas do contratualismo e o que estabelece o momento em que alguém passa a ser titular de direitos é a noção de sujeito. E os animais não são sujeitos, não são sujeitos de direitos.

A tradição filosófica sempre esteve indissoluvelmente ligada – embora nem sempre o reconhecesse – à dificuldade de definir a vida. Essa dificuldade, paradoxalmente, fez o indefinível acabar por ser “incessantemente articulado e dividido”. A condição animal é subtraída – ou expulsa – do interior do homem como condição de “possibilidade de se estabelecer uma oposição entre o homem e os demais viventes e, ao mesmo tempo, de organizar a complexa economia das relações entre os homens e os animais”. Essa cesura entre o humano e o animal se estabelece, conclui Agamben²², “fundamentalmente

²² **Giorgio Agamben** (1942): filósofo italiano. Entre suas principais obras estão *Il linguaggio e la morte* (Einaudi, 1982), *La formula della creazione* (Quodlibet, 1993), escrito com Giles

no interior do homem, que sempre foi pensado como a articulação e a conjunção de um corpo e uma alma, de um vivente e de um *logos*, de um elemento natural e de um elemento sobrenatural”.

Quando um animal é levado à morte, assim, não se fala, propriamente, em nosso direito, em assassinato. Derrida²³ situa essa exclusão no que chama de *carnofalocentrismo*. Há apenas “necessidade, desejo, autorização ou justificativa para levar à morte”. E, para Derrida, o *carnofalocentrismo* está ligado à “instituição violenta do *quem* como sujeito”. E o sujeito é o sujeito viril, o sujeito que “aceita o sacrifício e come a carne”; “o *chef* – inclusive *chef* de Estado – deve ser um comedor de carne, para ser, inclusive, simbolicamente comido por si mesmo”.

A justiça em relação aos animais, portanto, passaria pela desconstrução da estrutura *carnofalocêntrica*, pois enquanto ela é mantida e justificada – com *força de lei* – se irá sempre “reconstruir sobre o nome de sujeito, na verdade, sob o nome de *Dasein*, uma identidade delimitada ilegitimamente e que, entretanto, goza da autoridade de direitos – e em nome de um tipo especial de direitos”.

Deleuze, *Homo Sacer* (Einaudi, 1993/ *Homo sacer- O poder soberano e a vida nua -UFMG*), *Que lê resta di Auschwitz*, (Bollati Boringhieri, 1998) e *Stato di Eccezione* (Bollati Boringhieri, 2003) (Nota da *IHU On-Line*)

²³ **Jacques Derrida** (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Condenado pelo Vaticano, morreu, aos 81 anos, no dia 28 de dezembro de 2004. (Nota do *IHU On-Line*).

“O País nunca enfrentou tanto desemprego na sua história urbana e industrial”

Entrevista com Anselmo Luis dos Santos

A partir de uma visão estruturalista, desenvolvimentista, “keynesiana”, que mostra a importância do instrumento público de controle e regulação, para alcançar o desenvolvimento, o professor Anselmo Luis dos Santos faz um balanço político e econômico do Brasil. Anselmo Luis dos Santos é economista pesquisador e professor do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (Cesit), do Instituto de Economia da Unicamp. Ele concedeu a entrevista que segue para a *IHU On-Line* por telefone. O pesquisador já foi entrevistado pela *IHU On-Line* sobre **Trabalho precário e pequenos negócios**, trazendo dados da pesquisa que mostra a situação de precarização do mercado de trabalho no segmento das pequenas empresas. A entrevista foi publicada nas *Notícias Diárias* da página do IHU do dia 20/05/2006.

***IHU On-Line*- Qual o balanço que o senhor faz do governo Lula?**

Anselmo Luis dos Santos- Como ponto negativo, o que mais chama a atenção é a manutenção da política econômica do governo anterior, o pagamento de uma carga de juros muito elevada, com um superávit fiscal maior ainda do que o governo Fernando Henrique Cardoso, o que significou uma redução relativa do dinheiro, que poderia estar sendo gasto em investimentos na área social e na infra-estrutura, fazendo o País crescer mais. Tudo isso também gerou um ritmo de crescimento econômico baixo,

reduzido, que praticamente reproduziu esse padrão que conhecemos desde os anos 1990. O impacto disso sobre o mercado de trabalho e, portanto, sobre a questão social, foi negativo. O desemprego caiu um pouco, mas considerando o cenário internacional que a economia mundial vive, em que a maioria dos países em desenvolvimento tem crescido a taxas muito elevadas, perdemos um período favorável para crescer mais, para reduzir sensivelmente o desemprego.

A renda dos trabalhadores

Enquanto isso, a renda do trabalhador continuou caindo. Nas metrópoles, os dados mais recentes mostram que caiu a renda em geral de todos os extratos dos trabalhadores das metrópoles, inclusive a renda dos 10% mais pobres. Então, temos o aumento da renda de algumas pessoas que recebem recursos do programa Bolsa Família, que é importante, mas continuou piorando a renda de outros trabalhadores de baixa renda. Por exemplo, a renda média dos 10% de trabalhadores mais pobres na região metropolitana de São Paulo, era R\$ 250,00 em 2002 e agora caiu de janeiro a junho de 2006 para R\$ 226,00. Temos também pessoas entre os menos favorecidos aqueles que estão pior inseridos no mercado de trabalho que perderam renda no governo Lula, vinham perdendo no governo Fernando Henrique e continuaram perdendo.

“Estamos perdendo emprego”

No conjunto o saldo do governo é negativo. Ele perdeu a oportunidade de mudar o País, de fazê-lo crescer, de encaminhar o País para uma direção correta. Ter a inflação baixa e ter pago, diminuído o endividamento, tudo isso foi conseguido com esse custo. Mas qual foi o custo disso? Foi essa política que manteve o desemprego alto. Por exemplo, a taxa de desemprego hoje entre as pessoas com 11 anos ou mais de estudo é maior do que quando o governo Lula assumiu. O número absoluto de mulheres desempregadas, de jovens desempregados, de pessoas com 50 anos ou mais desempregadas é maior hoje do que era quando o governo Lula assumiu. Ou seja, não houve nenhuma melhora sensível no mercado de trabalho. As pessoas que vêm recentemente sendo contratadas, são pessoas de baixo grau de instrução,

de baixo rendimento. E agora nós vimos que deu uma melhoria no mercado de trabalho em 2004, quando a economia cresceu 5%. Em 2003 o mercado de trabalho piorou muito porque praticamente o PIB não cresceu nada. No ano passado também o PIB cresceu muito pouco e esse ano também ainda os dados tem mostrado até agora que o comportamento do nível de atividade está baixo, a indústria está perdendo emprego, o câmbio sobrevalorizado, significa que estamos perdendo emprego, importando mais, complicando a situação dos exportadores e por aí se complica também a situação do emprego.

As dívidas

Eu diria que como balanço geral a situação social continua se agravando, os investimentos públicos nas áreas prioritárias não foram feitos, e a política econômica foi assentada em duas coisas: pagar a dívida pública interna e pagar a dívida externa. Na verdade os rentistas, os banqueiros, os credores internacionais e nacionais deveriam fazer uma avaliação muito positiva do governo Lula, porque realmente para os mercados, para os credores, para os bancos, para os especuladores o governo Lula foi excelente.

***IHU On-Line* - Considera o presidente Lula populista, em função de suas políticas sociais?**

Anselmo Luis dos Santos- Não acho que esse termo seja relevante para fazer uma discussão. A política do Bolsa Família é importante para o Brasil. O País acumulou um conjunto de problemas que demoram para ser resolvidos. Então, políticas emergenciais são importantes. O combate à fome e a distribuição de renda via programas

para ser garantia de renda para as pessoas que não tem nenhuma renda. O problema é que temos que olhar que o governo se limitou a isso. Essa foi a grande política. Essa política sem crescimento, sem desenvolvimento, sem emprego, mantém as pessoas numa situação de pobreza, pode até melhorar um pouco, é importante, mas as pessoas não tem perspectiva, não tem futuro. Essa é uma política focalizada, que inclusive a questão de transferir renda para pobre é defendida pelo Banco Mundial, mas se compararmos o que o governo gastou de juros com essa política, e mesmo o que gasta a previdência, é muito, muito maior do que o governo gasta com o Bolsa Família. Dizemos que essa é uma política barata e ela não compromete o pagamento de juros. Por isso que até o Banco Mundial propõe esse tipo de política de transferência de renda aos pobres. Há 15 anos a economia não vai, não tem perspectiva, não tem emprego. A associação entre a violência e os jovens desempregados, sem perspectiva, a ampliação da violência é um fato. E isso não se modificou sensivelmente. Certamente um crescimento em 4 anos, se o governo não tivesse feito outra política econômica, o País tivesse crescido de 5 a 6% ao ano, os impactos sociais desse crescimento seriam muito mais importantes que qualquer programa de Bolsa Família. Embora se pudesse fazer junto, o crescimento, porque teria mais arrecadação, cresce a economia, e fazer uma política emergencial para as pessoas que não fossem beneficiadas pelo crescimento, porque sempre tem algumas pessoas que, dependendo das características familiares, da região onde elas estão localizadas, às vezes o crescimento acaba não beneficiando como em

outras regiões, pessoas que estão em dificuldade para se inserir no trabalho.

IHU On-Line- Considerando duas correntes de pensamento em relação à economia do País, qual sua opinião: acredita que o Brasil tenha um modelo de desenvolvimento capitalista ou pensa que ele não tem um modelo de desenvolvimento, que ele está estagnado desde a década de 1980?

Anselmo Luis dos Santos- Lógico que faço parte da segunda corrente. O problema não é que a primeira corrente se diz capitalista e nem que a segunda diz que para se desenvolver tem que ser não-capitalista. Existem várias formas. O problema é que primeira visão é neoclássica, liberal e a outra não, a outra é uma visão que se mostra mais estruturalista, desenvolvimentista, keynesiana, que mostra a importância do instrumento público de controle e regulação, para podermos alcançar o desenvolvimento. A outra acredita que esse crescimento se dá via mercado e temos que atender a lógica do mercado para poder se desenvolver. O fato é que desde 1980 nós estamos parados. Mas essa política, por exemplo, nos anos 1980 crescemos mais do que de 1990 para cá. Essa política hegemônica vem sendo implementada desde quando Collor assumiu, principalmente o governo Fernando Henrique, e aí olhamos as taxas de crescimento que mostram que eles estão completamente equivocados. Que a taxa de crescimento média é muito baixa. Não tem desenvolvimento, não tem crescimento, o País nunca enfrentou tanto desemprego na sua história urbana e industrial. O investimento público está parado, os outros países cresceram e nós estamos ficando para trás. Os países

que crescem, como a Argentina, fizeram da sua renegociação da dívida, um conjunto de políticas que não são liberais, iguais a essa que está sendo implementada no Brasil. A China também não faz isso, a Coréia também não faz isso, ou seja, não seguem o receituário do Consenso de Washington e estão portanto na segunda perspectiva e não na primeira.

IHU On-Line- O que o senhor pensa sobre a Campanha pelo Voto Nulo? Acredita há um esgotamento da política?

Anselmo Luis dos Santos- Realmente isso tem tido impacto, porque as pessoas têm motivos para ficarem decepcionadas. Só que eu discordo, acho que a estrutura social brasileira é muito heterogênea, social, cultural, cada um tem o direito de fazer com seu voto o que quiser, mas eu pessoalmente divirjo dessa opinião porque acho que a decepção deve levar a uma reflexão mais profunda. A alternativa para mim é escolher alguém e votar. Precisamos continuar, melhorar as condições políticas do País, melhorar o estado brasileiro, melhorar o poder legislativo, as instituições, a justiça. E isso não passa pelo voto nulo.

IHU On-Line- Quais as conseqüências de uma política conduzida pelo mercado financeiro?

Anselmo Luis dos Santos-A política econômica tem uma verdade, como dizem alguns economistas, tem a prioridade de ser amiga do mercado. Ou seja, fazer uma política que não descontente os investidores nacionais e estrangeiros. Mas ninguém está dizendo que para fazer uma outra política é necessário fazer uma política contra, quando se trata de fazer uma política de

desenvolvimento capitalista, de certa forma, temos que fazer uma política que seja favorável ao crescimento. Isso não significa reduzir lucro. Significa reduzir especulação, reduzir o ganho fácil, o rentismo. Essa política “amiga do mercado”, essa política liberal não consegue combater os interesses daqueles que não tem compromisso nenhum com a produção, com o emprego, com a melhoria da sociedade, com o combate à pobreza. Ela acaba favorecendo aqueles que vivem de juros, que vivem de renda, que vivem da especulação, do ganho fácil. Em uma crise social que estamos vivendo, nós vemos os balanços dos bancos todos crescendo. O governo pagou o juro e a dívida pública hoje é 1 trilhão de dólares. Essa é a conseqüência.

IHU On-Line- Qual a perspectiva que o senhor vê de uma possível desconcentração de renda no País? Onde poderia estar a solução para este problema?

Anselmo Luis dos Santos- Com esse tipo de crescimento a renda concentra. Com esse tipo de pagamento de juros, com a ausência de uma política melhor, mais firme e mais ampla de reforma agrária, com essa transferência de renda do orçamento para pagamento de juros, a tendência da renda é de ela se concentrar. A discussão que alguns colocam hoje que teve desconcentração de renda é que estão pegando o ano de 2004 que foi o ano que o PIB cresceu 5%. Mas se pegarmos o ano passado e esse ano em que os dados ainda não estão prontos, como da PNAD, de uma pesquisa ampla sobre o Brasil, não estão disponíveis ainda, daí eu quero ver se isso levou a algum lugar. Essa política, assim como nos vivemos desde os anos 1990, leva a uma concentração

de renda. A política amplia a renda dos rentistas, dos ricos que aplicam nos bancos. Não é só dos banqueiros, mas dos empresários que tem dinheiro para aplicar, da classe média alta, que tem poupança, que aplica. É uma política que leva claramente, principalmente pelo fato de não ter crescimento, ao benefício dos grupos melhor inseridos.

IHU On-Line- Quais os caminhos para o desenvolvimento sustentável no Brasil?

Anselmo Luis dos Santos- É preciso organizar a economia e a política econômica a favor do combate à pobreza, do crescimento econômico. Certamente passa por uma redução de juros, que faça diminuir a dívida pública, e reduzir o superávit primário, investir mais na área de infra-estrutura, investimentos públicos em estradas, portos, aeroportos, em saúde, educação, habitação, saneamento e com um juro menor, com um superávit menor temos condições de fazer isso, o que significa um ritmo de crescimento econômico maior, a arrecadação pública cresce e vai sustentando o gasto público, ou seja, cria condições ampliando o investimento e o gasto público a economia está crescendo. E por outro lado, o crescimento melhora muito, as

pessoas tem emprego, a renda melhora, a pobreza diminui. Por exemplo, nos anos 1970, mesmo com a ditadura militar, o crescimento econômico elevado reduziu rapidamente a pobreza. Porém, se hoje tivéssemos um crescimento no ritmo mais acelerado de 6 a 7% ao ano, com políticas distributivas, o impacto seria outro. Só que temos que ter uma política que atenda ao setor produtivo, ao emprego, ao crescimento, que pense no futuro, que planeje o investimento, o financiamento interno, ou seja, em vez de dívida externa, o financiamento interno, o desenvolvimento tecnológico, que o País possa entrar em setores dinâmicos, modernos da eletrônica, informática, telecomunicações, engenharia genética, microbiologia, que estamos parados nisso, não avançamos. É preciso ter outra política econômica e instrumentos que sustentem esse crescimento a longo prazo. Significa ter uma política que não endivide externamente o País, porque isso coloca bloqueio depois para poder crescer, principalmente nesse mundo de especulação geral, dessa volatilidade, desse mundo de fluxos de capitais abertos, isso coloca problema.

Destaques da Semana

Filme da Semana	pg.
Teologia Pública	pg. XX
Artigo da Semana	pg.
Deu nos Jornais	pg. XX
Frases da Semana	pg. XX
Destaques On-Line	pg. XX

Um mal mítico e um bem inencontrável

Marcel Gauchet

Traduzimos um texto que sintetiza uma conferência de Marcel Gauchet, publicado na revista francesa *La Vie*, 21 de junho de 2006.

Marcel Gauchet, é redator-chefe da revista *Le Débat*. Integrado em 1989 à Escola dos Altos Estudos em Ciências Sociais, ele centrou sua reflexão sobre a secularização do Ocidente (*Le Désenchantement du monde*, Gallimard, 1996 e recentemente reeditada), no qual ele analisa o cristianismo como “a religião de saída da religião”) e sobre os limites de nossas democracias (*La Démocratie contre elle-même*, Gallimard, 2002). Sua obra mais recente é *La Condition Historique, Entretiens avec François Azouvi et Sylvain Piron*. Paris: Stock, 2003. Eis o texto:

De que modo as noções do bem e do mal funcionam no espírito público atual? Eu não creio que nós somos confrontados com o “relativismo” – no sentido de equivalência entre o bem e o mal – mas antes com uma espécie de “imperceptibilidade”. O paradoxo é que nós estamos ao mesmo tempo num moralismo tirânico e num afrouxamento completo das balizas morais: nós não sabemos mais, no cotidiano, onde se situam o bem e o mal. Isso se explica por uma conjunção da obsessão do mal e do esquecimento do bem: eis o segredo do desequilíbrio que afeta nosso sistema de balizas. E que, segundo meu ponto de vista, está afeto a três fenômenos: uma cultura da depreciação, uma cultura da denúncia e uma cultura da escusa.

Uma cultura da depreciação do bem

Nós vivemos segundo o postulado que “nada está bem”. Subentenda-se: “O que tem a aparência de estar bem, não o está”. Nós somos, pois, sem cessar convidados a desmontar o que se apresenta como bem, para revelar a impostura que se esconde por detrás. Um exemplo desta suspeição generalizada: nós somos incapazes de reconhecer um trabalho bem feito. O que é estimável, doravante, não é mais a produção (por essência, ela não pode estar bem), mas a pessoa que produz (e é por isso que nós valorizamos tanto a estima de si). A admiração desapareceu em favor do êxito e da celebridade.

Assim nós somos confrontados com um verdadeiro eclipse do bem e da capacidade de fazê-lo viver na cena pública. E isso mesmo que se estabeleceu

um amplo consenso sobre os valores: nós ultrapassamos as grandes confrontações – autoridade contra liberdade, religião contra laicidade, democracia contra totalitarismo – que haviam marcado o século precedente. Mas, este monoteísmo dos valores – salvo, sem dúvida, sobre a questão da situação da mulher – nos conduz a não mais explicitá-los: quando isso vai por si, as balizas comuns se tornam tácitas, somente quando há debate é que eles são expressos. Além disso, esse monoteísmo abstrato deixa a concretização dos valores à total liberdade de cada um. Enfim, esta busca individual da realização do bem se furta a um postulado: o bem seria inatingível; e tudo o que se pretende como tal seria apenas ilusão ou mentira. Nós encontramos aqui a cultura da difamação e da irrisão.

Uma cultura do excesso

Esta focalização sobre o mal absoluto impede de pensar o mal cotidiano. Por isso, não há mais culpados, porém somente vítimas, em favor das quais se desenvolve uma cultura da escusa. À parte sobre a questão da pedofilia, nós somos incapazes de explicar o mal de outra maneira do que sob o pretexto que o culpado primeiro foi vítima. Os verdadeiros culpados são aqueles que encarnam o mal absoluto e adquirem assim uma dimensão mítica. Mas, o culpado banal não é o verdadeiramente. Ele é incapaz de pensar como mal a simples transgressão das regras comuns. Relega-se os faltosos para o lado dos bárbaros, fora da humanidade. Viu-se isso na questão de Outreau²⁴: a ordem

²⁴ **Outreau**: município do norte da França, conhecido internacionalmente desde 2001 por um escândalo ligado à pedofilia, no qual pelo menos 24 menores sofreram abusos sexuais.

simbólica, por um tempo perturbada, foi rapidamente restabelecida. Pois se encontrou um culpado substituto: a própria justiça.

Dito isso, há em nosso país uma cisão terrível entre “cultivados” e “incultos”: os últimos ainda acreditam nos valores, quando os primeiros já não crêem mais. Esquece-se demasiadas vezes que subsiste um mundo popular, com sua própria cultura. A incapacidade dos políticos de se dirigirem aos meios populares ocorre essencialmente no terreno moral. Por exemplo, sobre a questão da autoridade, um grande número de pais conserva valores fortes, mas eles são combatidos pela escola, pelo mundo do trabalho social, pelo sistema midiático... A fratura social se desdobra, assim, numa fratura moral. Da mesma forma, nas profundezas da vida coletiva, muitas pessoas continuam tentando fazer o bem. Mesmo numa sociedade tão corrompida como o era a União Soviética no fim do comunismo, não se teve nenhuma dificuldade, após o acidente de Tchernobyl, de encontrar “*liquidadores*” dispostos a sacrificar sua vida. A realidade de nossas sociedades, além de sua ideologia oficial, é que elas só funcionam graças ao desinteresse de grande número de indivíduos.

Para concluir, eu diria que um bem inencontrável e um mal mítico nos deixam numa incerteza completa sobre as questões morais com as quais somos confrontados em nossa vida de todos os dias.

O episódio passou a ser chamado de *Caso Outreau*. (Nota da IHU On-Line)

Filme da Semana

Os filmes comentados nesta edição foram vistos por algum colega do IHU.

O Último Mitterrand

Ficha Técnica

Nome: O Último Mitterrand

Nome original: Le Promeneur du Champ de Mars

Cor filmagem: *Colorida*

Origem: *França*

Ano produção: *2005*

Gênero: *Drama*

Duração: *116 min*

Classificação: *Livre*

Direção: Robert Guédiguian

Elenco: Michel Bouquet

Sinopse

Meses antes de deixar a Presidência da França, que ocupa há 14 anos, o presidente François Mitterrand (Michel Bouquet) aceita conversar com um jovem jornalista, Antoine Moreau (Jalil Lespert), que prepara um livro sobre ele.

Doente terminal de um câncer na próstata, o presidente faz um balanço de sua longa vida, analisa seu papel na história francesa e faz previsões sobre o futuro sem sua participação. O biógrafo quer abordar temas polêmicos, como a participação de Mitterrand no governo colaboracionista de Vichy, durante a II Guerra.

“Depois de mim, só haverá financistas e contadores”. A profecia de Mitterrand

Reproduzimos a seguir a resenha de Neusa Barbosa, publicada no site www.cineweb.com.br, em 8-11-05.

À primeira vista, parece um filme estranho na filmografia de Robert Guédiguian – por que ele teria abandonado seus trabalhadores de Marselha para voltar-se para o presidente socialista? A resposta flui dos diálogos entre François Mitterrand (Michel Bouquet) e seu jornalista-biógrafo (Jalil Lespert). Logo fica muito claro que a discussão entre os dois ultrapassa a mera análise da vida do presidente e lança pistas sobre o futuro da esquerda, este sim o tema que interessa Guédiguian, que deixou de lado seus roteiros originais para adaptar o livro de Georges-Marc Benamou (contando com a parceria do próprio escritor e de Gilles Taurand). A obra abalou a França ao ser publicada em 1996, poucos meses após a morte de Mitterrand.

Os diálogos entre o velho mandatário e o jovem Antoine Moreau têm um sabor especial, mesmo que, em alguns momentos, possam faltar algumas referências para um público estrangeiro sobre os fatos da história da França que ambos comentam com tanta intimidade. Devido à concepção do filme e à naturalidade das interpretações dos dois atores, fica-se com a sensação de que Mitterrand está, na verdade, conversando consigo mesmo – e vendo-se no jovem do passado. Não terá sido por outro motivo que concordou em abrir-se ao interlocutor, num momento em que se prepara para deixar o poder depois de

14 anos e está morrendo de câncer na próstata.

Essa proximidade da morte atenua um caráter que se percebe poderoso, carismático e pouco habituado a aceitar recusas, permitindo que Mitterrand enxergue o futuro depois de sua partida. Ele se preocupa com seu lugar na História e diz que depois dele só haverá financistas e contadores. Uma frase, ainda que vaidosa, que se mostra profética. O mundo do século XXI não assistiu ainda ao surgimento de grandes políticos, como Mitterrand.

Abre-se espaço à contestação do protagonista por meio de personagens secundários, como os pais da namorada de Antoine, que são comunistas e não perdoam a traição do presidente, aliando-se com direitistas para continuar no poder. O próprio Antoine terá várias discussões com seu biografado em torno de sua polêmica participação, ainda que curta e secundária, no governo colaboracionista de Vichy, o grande fantasma na consciência francesa. Mitterrand sempre acentua sua entrada na Resistência em 1942 mas Antoine tem dúvida quando à data – e o presidente nunca admite nada que o comprometa.

Permitindo-se ser ambíguo, o filme compõe um fascinante retrato do líder socialista, amparado na sólida performance de Michel Bouquet – que se beneficia também de uma extraordinária semelhança física com Mitterrand. Ao seu lado, Jalil Lespert

encarna com total credibilidade o papel de um jovem mergulhado em dúvidas, não só sobre seu próprio personagem, como sobre a própria vida. Ao abrir espaço para retratar também a vida e os

problemas de Antoine, a obra ganha maior autenticidade. E aí está a marca de Guédiguian, o grande diretor de *A Cidade Está Tranquila* e *Marie-Jo e seus Dois Amores*.

As ilusões perdidas

Reproduzimos a seguir a resenha de Hélio Nascimento, publicada no **Jornal do Comércio**, em 4-08-06.

Mesmo que não tenha realizado uma hagiografia, o diretor Robert Guédiguian não esconde, em todo o desenrolar de *O Último Mitterrand*, sua admiração pelo político que exerceu o cargo de presidente da França entre 1981 e 1995. François Mitterrand teve dois mandatos. No primeiro, colocou em prática alguns pontos do programa de seu partido, o Socialista, estatizando setores da economia e ampliando direitos trabalhistas. Mas ainda no primeiro mandato começou a preparar o ingresso na Comunidade Econômica Européia, dando prioridade ao combate à inflação. Quando foi eleito para o segundo mandato, teve de repartir o poder com Jacques Chirac, que passou a exercer o cargo de primeiro-ministro, já que os conservadores haviam ganho as eleições para o parlamento. O filme é inspirado em livro escrito por um jornalista francês que acompanhou os últimos dias do presidente. Inegavelmente, trata-se de um trabalho dos mais interessantes, pertencente àquela linhagem literária que tanto se destaca no cinema francês, uma tendência na qual Alain Resnais foi, e ainda é, o nome maior. O termo literário aqui serve para definir um

cinema no qual a palavra exerce papel fundamental, mas não o único. Guédiguian é um homem de esquerda e, como tal, um daqueles que agora costumam flagrar a angústia gerada pelos sonhos desfeitos e pelas ilusões perdidas. Um bom motivo para que se perceba em seu filme algumas ingenuidades, mas das quais ele se procura afastar na medida em que termina por colocar em cena mais do que um relato sobre um político e seu biógrafo, procurando transformar o filme num encontro entre gerações e numa espécie de exaltação de sabedoria que só o passar do tempo e a acumulação de experiências são capazes de gerar.

Há uma cena reveladora, quando o jornalista, ingenuamente, diz que os sonhos não caíram junto com o Muro de Berlim. O erro de tal avaliação fica claro no sorriso e na paciência com que Mitterrand responde a tal manifestação. Não foi um sonho que ruiu quando aquele muro foi derrubado. Na verdade, o que houve foi a concretização de uma revolta diante de um regime que não merecia, de forma alguma, ser chamado de socialista, até porque em sua história se encontra a violência praticada contra

operários em 1953. Há muito que sonhos sobre justiça e fraternidade deveriam estar dissociados do chamado socialismo real. Isso desde os julgamentos falsos da década de trinta até a invasão da Tcheco-Eslováquia em 1968. No rosto do ator Michel Bouquet, em interpretação magistral, se reflete a desilusão criada por esses fatos e muitos outros mais.

Essencialmente, *O Último Mitterrand* termina sendo um filme sobre o passar do tempo e a morte. Na primorosa seqüência inicial, o presidente faz o jornalista tocar nas estátuas para que ele sinta na pele o destino de todos os seres humanos. Há outros temas paralelos, o mais significativo deles a tentativa do jovem em tentar esclarecer

um nebuloso episódio desenrolado durante a ocupação e relacionado ao anti-semitismo. Tal abordagem serve apenas para que o presidente faça uma defesa de sua integridade e para que o filme focalize o monumento no qual suas palavras estão eternizadas. Em alguns momentos, o filme atinge uma dimensão humana e dramática que se destaca do restante da narrativa, como aquele no qual, segundo o relato de um assessor, Mitterrand imita as estátuas da primeira seqüência. Alguns discursos, com os primeiros planos de operários parecendo repetir filmes soviéticos do período stalinista, poderiam ter sido evitados. Mas o trabalho do ator principal é algo portentoso.

Teologia Pública

A separação entre fé e razão. Unidos é possível sem cair na idolatria e no fanatismo?

Paul Valadier

Traduzimos e publicamos o artigo de Paul Valadier, filósofo francês, jesuíta, autor do livro, entre outros, **Elogio da consciência**. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

Paul Valadier estará na Unisinos em maio de 2007, participando do Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos.

O artigo foi publicado originalmente na revista espanhola **Razón y Fé** de maio deste ano.

Um fato evidente se impõe à maioria dos nossos contemporâneos. O exercício da razão de parte dos filósofos profissionais

– mas também de parte do comum dos mortais, na medida em que exercitam a própria capacidade de reflexão –

pressupõe um espírito crítico, a discussão contínua das conclusões e, mais ainda, das certezas adquiridas e a rejeição de qualquer preconceito ou convicção, capazes de frear preguiçosamente o impulso ilimitado do pensamento. Ao contrário, para muitos é evidente o fato de que a fé religiosa se confunde com certezas recebidas de terceiros, certezas que não se discutem nem se podem discutir, ou com uma espécie de salto no vazio, ou então, no absurdo, visto que toda proposição revelada exige uma adesão num contexto de obediência total.

A razão precisa de crenças

Ao contrário do que supõem certos preconceitos muito radicais, o exercício da razão precisa apoiar-se em crenças; não é concebível nem praticável sem bases certas que se postulem a priori. Sem elas, o pensamento não poderia sequer começar a pensar! Para pôr-se a pensar, é preciso crer que a mente humana possui a capacidade de afastar as trevas do erro. Mais ainda, é importante crer que é capaz de reconhecer uma afirmação como verdadeira, empregando os métodos e procedimentos racionais que permitam fazê-lo, mesmo que apenas em tentativas e de modo provisório.

Nenhuma pesquisa científica seria possível, se os cientistas não postulassem que se pode captar qualquer coisa da realidade por meio da inteligência e, do mesmo modo, que se podem completar as suas aproximações ou corrigir os seus erros, como também confrontar as próprias conclusões com as dos outros e, deste modo, avançar no caminho do conhecimento. No fundo, todo este trabalho não faz senão confirmar a

exatidão desta convicção: sim, não obstante tudo, a nossa mente é realmente capaz de descobrir, até certo ponto, a verdade das coisas.

A fé precisa da razão

Porém, de outra parte, a que coisa se reduziria uma fé religiosa, no caso específico a fé cristã, se não se utilizassem também os recursos da inteligência humana para compreender melhor a natureza e o alcance da mensagem recebida, para aprofundar o sentido da Palavra ouvida e responder a ela com todas as capacidades de que é dotado o ser humano?

O fideísmo, entendido como um salto no vazio, é uma caricatura da fé, da fé pura que provoca a entrega do crente a Deus sem discutir nem opor-se de algum modo. No fundo, o fideísmo é preguiça mental e desconfiança num Deus que, sendo inteligência suprema, criou o homem à sua imagem, pessoa humana que, portanto, participa também da sua inteligência, é capaz de raciocinar, é chamado a prestar homenagem pela sua mente a um Deus que lhe fala através de uma palavra decifrável, não abstrusa. Por isso, não existe fé sem utilização da nossa razão. Não devemos responder com todo o nosso ser, inclusa a inteligência, ao chamamento que Deus nos dirige através de Cristo? Assim, pois, a razão não funciona sem algumas crenças necessárias para o seu exercício, nem existe verdadeira fé sem uma investigação do seu sentido e, portanto, sem um trabalho da inteligência.

Fé e Razão. Um divórcio mortal

Freqüentemente, filósofos que acreditavam ser espíritos críticos, sem

fazer a mínima concessão, caíram em adesões e crenças aberrantes: a ilusão da consciência pura levou-os a reduzir sua própria vigilância com respeito aos próprios empenhos sociais ou políticos. Será necessário recordar os dramáticos erros sobre o nazismo de um Heidegger²⁵, que alguns consideram

²⁵ **Martin Heidegger de Messkirch** (1889-1976): filósofo alemão. Doutorou-se em Filosofia sob a orientação de Edmund Husserl. Em 1933, acontecimentos políticos levaram-no a aderir ao partido nazista e assumir a reitoria da Universidade de Friburgo, cargo do qual se demitiu alguns meses depois. A seus olhos, o que define a ontologia e sua história é o esquecimento do ser como lugar de questionamento. Ora, o ser como questão define um ente particular, que é o ser-aí, o *Dasein*. Este *Dasein* é o homem. Ora, o ser-aí é aquele que pode ao mesmo tempo existir e saber, a todo momento e ao mesmo tempo, que deixar de existir: é um "ser-para-a-morte". Aceitar esta situação é o sinal da autenticidade, para o homem. Colocar a autenticidade, para o homem, é levantar as diferentes maneiras de ser: facticidade, derrelição, historicidade. São os temas fundamentais que Heidegger aborda na sua obra máxima, *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a *IHU On-Line* publicou na edição 139, de 2 de maio de 2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19 de junho de 2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 3 de julho de 2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para download no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

como o maior metafísico de todos os tempos?

E, o que dizer dos inumeráveis intelectuais, filósofos, cientistas e historiadores que comunicaram a própria "fé" ao estalinismo, ao maoísmo, ao trotskismo? Poder-se-ia ter esperado deles maior espírito crítico e menos crença cega...

Paralelamente, uma fé não crítica com respeito a si própria cai facilmente no fanatismo: a atualidade o demonstra de modo impressionante. Alguns crentes se crêem a tal ponto depositários da verdade, se identificam a tal ponto com ela, que não vêem alguma distância entre eles mesmos e esta verdade. Então, não só caem na recusa de toda discussão da própria verdade, mas sonham impô-la aos outros com a força ou com a lei! Trata-se, então, de uma verdadeira idolatria da verdade que, como toda idolatria, requer sangue, em geral o dos outros.

Este divórcio é mortal para a razão e para a fé. A razão "racionalista", que se imagina soberana e capaz de julgar tudo, acaba por empedernir-se, enrijecer-se e redobrar-se sobre si mesma, dada a incapacidade em que se encontra de tomar em consideração a totalidade da realidade. Neste sentido, o apoio sobre o universo simbólico, representado, por exemplo, pelas religiões, poderia abri-la a algumas dimensões do mundo capazes de estimulá-la, mas, na realidade, a razão acaba por ignorá-las. Outras vezes, a razão chega a uma dúvida tão generalizada, a ponto de cair na impotência e na complacência com a falta de sentido, com o nada; numa palavra, torna-se niilista, mergulha em

debates estéreis ou na desconfiança de tudo, até de si mesma.

A fé, de sua parte, quando recusa toda visão crítica de si mesma, quando é incapaz de tomar certa distância com respeito às próprias afirmações, torna-se, da mesma forma estéril. Cai no pietismo, num entusiasmo que se move no vazio ou na exaltação iluminista. Ela se enrijece ou se fecha sobre si mesma, acabando por maravilhar-se com as próprias iniciativas e com entusiasmos autocentrados. Isso quando não chega a identificar-se com um dogmatismo autoritário que sufoca a vida de fé e transforma as Igrejas em seitas.

A necessária complementaridade

Conforme apenas se sugeriu, a fé pode estimular e provocar a razão. Pode fazê-la tomar consciência das próprias convicções ou preconceitos, sobretudo quando a razão limita o seu campo de investigação e de discussão e recusa toda pesquisa referente às mensagens religiosas. Ora, o racionalismo “crê” (no sentido de que tal crença não se expõe ao risco da crítica) que o universo religioso não é senão pura superstição, ausência do pensamento, estágio primário ou infantil da humanidade.

Se ela superasse este preconceito que, muitas vezes, vem acompanhado do fanatismo e da recusa de ver a realidade, descobriria, sem dúvida, que as religiões ou o universo da fé abrem a porta a autênticas riquezas espirituais e intelectuais. Se as explorasse, a filosofia encontraria novos espaços, uma abertura estimulante que a retiraria dos seus limites com frequência estreitos e – por que não? – a libertaria do próprio

niilismo ou do fascínio das suas insuficiências. Assim, o mundo da fé pode estimular o trabalho intelectual, pelo menos se não o defronta com um a priori desfavorável, depreciativo ou redutivo.

Convém recordar que muitos filósofos voltam a descobrir estas riquezas e admitem que o mundo da religião não deva escapar de sua atenção, de suas pesquisas e de suas análises. Que pode também libertá-los do perigo de encerrar-se numa visão demasiado estreita da realidade. De fato, a tradição do pensamento ocidental não tem sido forte e intimamente assinalada pelas religiões monoteístas? Interrogar-se sobre a mensagem de São Paulo²⁶ não é, ao mesmo tempo, procurar-se um instrumento para compreender a si mesmos e sua própria história e cultura, com o próprio pensamento moral, político e espiritual? A “Carta aos romanos” não nos instrui sobre nós mesmos, assim como a *República* de Platão²⁷ e a *Cidade de Deus* de Santo

²⁶ **Paulo de Tarso** (3 – 66 d. C.): Nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. Trata-se da figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, e não mais numa seita do Judaísmo. Sobre Paulo de Tarso a *IHU On-Line* 175, de 10 de abril de 2006, dedicou o tema de capa *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*. A versão encontra-se disponível para *download* no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁷ **Platão (427-347 a. C.)**: filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética.

Agostinho²⁸, bem como a *Ética Nicomaquéia* de Aristóteles²⁹?

Uma fé viva aceita a crítica

De sua parte, uma fé viva deve aceitar a crítica. Em primeiro lugar no plano da pessoa: estou absolutamente seguro de ser fiel ao Deus vivo e à sua mensagem, tanto na minha vida quanto no meu modo de pensar? Não ocorreria que eu pusesse em discussão a minha pessoal adesão de fé, que pode se transformar em preguiça mental, conformismo da ação ou – pior ainda – certeza idolátrica de ter chegado à verdade e de não ter nenhuma necessidade de me deixar julgar por ela? Esta aceitação é também necessária ao nível coletivo das Igrejas. Afirmando-o, não fazemos mais do que recuperar a grande tradição católica que soube aceitar as contribuições, com

Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fédon*. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁸ **Aurélio Agostinho** (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁹ **Aristóteles de Estagira** (384 a.C. – 322 a.C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

freqüência desestabilizantes, dos filósofos pagãos ou muçulmanos, com as suas conseqüentes dificuldades e crises, mas com a certeza de que a razão pode ajudar a fé a sair dos seus preconceitos e a renovar-se em profundidade.

Aceitar isto é difícil, como o mostraram as assim chamadas “crises modernistas” de fins do século XIX. Porque a razão crítica desestabiliza num primeiro momento, também se a longo termo torna possível uma renovação fecunda, por exemplo, da leitura dos textos fundamentais. Leríamos hoje a Sagrada Escritura com tanta fecundidade, se as nossas Igrejas não tivessem afinal aceitado a leitura histórico-crítica dos seus textos, que diversas formas de racionalismo levaram a termo?

Um temor prejudicial

Entende-se, pois, a desconfiança, até mesmo a hostilidade que pode surgir de ambas as partes. A filosofia racionalista desconfia do dogmatismo (embora nem sempre compreenda exatamente o que no catolicismo, por exemplo, se entende por dogma, o qual não significa uma negação do pensamento e sim um estímulo ante o mistério – e não há dúvida que as próprias Igrejas caíram demasiadas vezes neste desvio...). As religiões, de sua parte, temeram que uma razão triunfalista pudesse desestabilizar todo o universo religioso, indo muito além dos próprios limites ou capacidades.

Este duplo temor prejudica tanto a razão como a fé. Expressou-o de forma muito clara João Paulo II na sua encíclica *Fides*

*et ratio*³⁰ (1998), que tinha precisamente como objeto a relação entre fé e razão. Nela, o papa valoriza o trabalho da razão como nenhum outro papa havia feito antes dele: “é ilusório pensar que a fé, ante uma razão débil, tenha maior incisividade: ao contraio, cai no grave perigo de ser reduzida a mito ou superstição. Da mesma forma, uma razão que não tenha diante de si uma fé adulta, não se sente motivada a dirigir o olhar para a novidade e a radicalidade do ser” (n. 48).

Talvez nos encontremos, pois, no final de um período de oposição e de desconfiança recíproca, que tem mostrado claramente como os adversários correm o perigo de destruírem-se numa luta semelhante: este é precisamente o diagnóstico de João Paulo II. Por conseguinte, é importante atender, não a uma identificação entre razão e fé, mas a uma espécie de estimulação recíproca, conservando cada uma as suas peculiaridades características, mas, ao mesmo tempo aceitando o confronto e o diálogo. Seria uma perspectiva fecunda para cada uma.

Por um diálogo vivo

A razão (ou a filosofia atual) não se encontra no seu período de melhor forma: tentada pelo niilismo ou pelo isolamento em análises estéreis da linguagem ou da experiência, se exaure em discursos vãos e vazios, ou se

³⁰ **Fides et ratio**: Última encíclica do Papa João Paulo II, traduzida em português como *Carta Encíclica Fides et ratio. Do Sumo Pontífice João Paulo II aos Bispos da Igreja Católica*. São Paulo Loyola: 1999. (Nota da *IHU On-Line*)

encerra em debates escolásticos que não interessam praticamente a ninguém. Esta razão poderá descobrir certo vigor ou pertinência somente se abandonar os seus pequenos jogos inúteis, se se abrir a novas exigências e se interessar pelo universo simbólico, onde poderá encontrar novos desafios e novos estímulos. Assim aconteceu em outros tempos, quando a razão descobriu no universo religioso uma provocação e os recursos de uma crítica com a qual pôde demonstrar a sua capacidade de contestação ou de abertura a uma verdade maior.

E quem não vê, de outra parte, os perigos de isolamento e de esterilidade próprios de uma fé transformada em fortaleza do crente? Ou tentada pelo iluminismo ou pelo entusiasmo, tendências que se deixam ambas ofuscar pela atração por experiências sincretistas, afastadas dos problemas da sociedade, no momento em que propõe uma religião desencarnada (que paradoxo para uma religião da encarnação!)? Talvez desejosa de envolver-se nas estruturas eclesiais ou na obsessão do seu próprio ser, ao invés de olhar para horizontes mais amplos e deixar-se interpelar pelos problemas comuns a toda a humanidade, a fim de descobrir o novo a partir do antigo?

Não é, pois, coisa de pouca monta o que está em jogo na tentativa de se chegar a uma relação de maior reciprocidade no interior deste casal dividido. Uma cultura ou uma civilização encontra-se ameaçada pela esterilidade, quando já não tem dentro de si um diálogo difícil, às vezes conflituoso, mas vivo, entre os seus valores de referência, sem os quais a humanidade não pode se exprimir ou prosperar de maneira fecunda; o

universo da razão que procura sentido para si mesmo, para o mundo e para todas as coisas; e o mundo da fé que se abre a algumas realidades que nos superam e nos dão a força necessária para habitar o nosso mundo e fazer nele retroceder a violência, o ódio e a falta de sentido.

Disso depende a vitalidade da nossa cultura, já que se trata de saber se os nossos contemporâneos encontrarão, ou não, um sentido na vida, no trabalho e no amor.

Deu nos jornais

Diariamente a página do IHU (www.unisinos.br/ihu), editoria *Notícias Diárias* apresenta uma síntese das notícias com base nos principais jornais do País e do exterior. A elaboração das notícias diárias é feita em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, com sede em Curitiba, PR. Abaixo algumas notícias selecionadas, extraídas do sítio do IHU.

Violência

Novos ataques

Uma nova série de ataques a forças de segurança e agências bancárias, atribuída ao PCC (Primeiro Comando da Capital), ocorreu no começo da manhã de segunda-feira, em São Paulo. O tema foi acompanhado nas *Notícias Diárias* da página do IHU do dia 08, 9 e 13/08/06. No dia 13, a página do IHU fez uma ampla cobertura analítica dos novos ataques do Primeiro Comando da Capital, PCC, que na madrugada desse dia conseguiu, mediante o seqüestro de dois funcionários da TV Globo, que o veículo transmitisse um vídeo com reivindicações do PCC. O grupo, que vem mostrando um discurso politizado, foi objeto de análise do e filósofo Unicamp, Roberto Romano, o teólogo Leonardo Boff e da discípula de Milton Santos Para Maria Laura Silveira, professora do Departamento de Geografia da USP, entre outros. Confira as entrevistas na página do IHU de 13/08/2006.

Educação

Jovens trocam cinema por computador

Por décadas, a indústria cinematográfica seguiu uma fórmula inflexível: produzir filmes exibi-los primeiro nos cinemas, lança-los em vídeo, mostrá-los na TV. Esse modelo está fadado a desaparecer. Sobre esse assunto leia mais nas *Notícias Diárias* da Página do IHU do dia 10-8-2006.

América Latina

Seguidores de López Obrador suspendem protestos em estradas

Sobre a continuidade dos resultados eleitorais no México, especialmente a suspensão de protestos por parte dos seguidores de Andrés Manuel López Obrador veja as *Notícias Diárias* da Página do IHU do dia 9/8/06.

A Justiça Eleitoral decidiu por uma recontagem de 9% das urnas, mas Obrador insistiu em uma recontagem total dos votos e afirmou que a sua campanha de desobediência civil vai continuar. "O povo mexicano não quer apenas parte da verdade", disse ele. A nota está publicada nas *Notícias Diárias* do dia 10-8-2006.

Uruguai

O presidente uruguaio Tabaré Vázquez disse que seu governo trabalhará para aprofundar as relações com os EUA. Ele afirmou que "o trem, algumas vezes, passa uma vez só" e que não descartará, "a priori", a possibilidade de incrementar o comércio bilateral com aquele país. A notícia é foi publicada nas *Notícias Diárias* da Página do IHU do dia 10-8-2006.

Mercosul-UE

O presidente Lula disse que acredita que as negociações para um acordo comercial entre Mercosul e União Européia possam ser concluídas ainda neste ano. Lula fez essa afirmação depois de pedir o apoio do primeiro-ministro português, José Sócrates, para que o acordo seja alcançado. A nota está publicada nas *Notícias Diárias* da Página do IHU do dia 10-8-2006.

Universidades

Especialistas em emendas para agradar suas bases eleitorais, deputados e senadores apresentaram nos últimos 3 anos projetos de lei que autorizam a criação de universidades federais. Desde o primeiro ano do governo de Lula, em 2003, o número de propostas tramitando no Congresso foi crescendo, chegando a 92 em 2006, sendo que 6 já foram aprovadas. Nos oito anos anteriores, do governo Fernando Henrique Cardoso, foram apenas oito. Confira o assunto nas *Notícias Diárias* da Página do IHU do dia 13/8/2006.

O projeto de expansão do governo Lula pretende aumentar em pouco mais de 20% o número de alunos em universidades federais até 2010. A estratégia do governo foi principalmente a de criar prolongamentos de instituições já existentes - são 48 novos campus em cidades onde elas não chegavam. Veja as *Notícias Diárias* da Página do IHU do dia 13/8/2006.

Frases da Semana

“Jamais a igreja em Cuba apoiaria ou aceitaria qualquer intervenção estrangeira”

- Jaime Ortega, cardeal-arcebispo de Havana - *Clarín*, 7-8-2006.

“Mais que um irmão, Fidel é como o nosso Papa, o Papa dos revolucionários”

- Hugo Chávez, presidente da Venezuela - *El País*, 7-8-2006.

“Geraldo Alckmin responde a Lula e afirma que está absolutamente zen. Absolutamente zen votos!”

- José Simão. *Folha de S. Paulo*, de 8-8-2006.

“Lula, candidato ou presidente? Se ele sabe de tudo, é candidato; se ele não sabia de nada, é presidente”.

- José Simão. *Folha de S. Paulo*, de 8-8-2006.

“Eleição no Brasil está se tornando rotineira e a vitória de Lula em 2002 enterrou a idéia de que haverá uma grande mudança”

- Luís Felipe Miguel, professor da Universidade de Brasília - *Estado de S. Paulo*, 13-8-2006.

“Não somos daqueles que empurram as coisas para debaixo do sofá. Nós levantamos o sofá para varrer a sujeira inteira. Vamos continuar desbaratando qualquer coisa que aparece, mesmo que seja com companheiro do PT, do PC do B, do PSB”

- Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República - *Estado de S. Paulo*, 13-8-2006.

“Vai aparecer muito mais coisa de corrupção, pois no meu governo não vai ficar lixo debaixo do tapete. Estava tudo debaixo do tapete. Minha mãe era pobre, mas era limpa e levantava o tapete para limpar a casa”

- Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República - *Estado de S. Paulo*, 13-8-2006.

“Recomendo a todos os homens que parem de fumar, exercitem-se bastante e bebam bastante vinho. Se irão evitar aquelas situações de embarço, a senescência ou os incômodos da próstata, não garanto, mas certamente atravessarão os anos da maturidade tossindo menos, mais ágeis e ...mais alegres”

- Miguel Srougi, professor titular de urologia da Faculdade de Medicina da USP - *Folha de S. Paulo*, 13-8-2006.

“Aquela Fátima Bernardes deixa qualquer um nervoso!”

- entrevistado na ante-sala do gabinete da Presidência da República no Palácio do Planalto - Tutty Vasques, *Nominimo*, 14-8-2006.

“De fato o Congresso é um balcão de negócios. É um balcão grosseiro que uma boa investigação pode esmagar ”

- Fernando Gabeira, deputado federal, (PV-RJ), um dos sub-relatores da CPI - *Estado de S. Paulo*, 14-8-2006.

“O PCC faz caminho inverso ao das Farc, que começaram na política e migraram para o crime”- coluna Painel - *Folha de S. Paulo*, 14-8-2006.

“Fidel não teme a morte. Teme que a Revolução não continue em Cuba”

- Cláudia Furiati, biógrafa de Fidel Castro - *Clarín*, 14-8-2006.

“Em Londres e em São Paulo, lá e cá, é o medo que faz as regras do dia a dia. Nossa personalidade já é uma personalidade de guerra, adaptativa, silenciosa e mansa”

- José de Souza Martins, professor titular de Sociologia da Faculdade de Filosofia da USP - *Estado de S. Paulo*, 14-8-2006.

Destques On-Line

Entrevistas exclusivas produzidas pelo sitio do IHU

Essa editoria veicula entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), durante a última semana. Seleccionamos algumas dessas entrevistas e apresentamos a lista completa de todas, que podem ser conferidas nas *Notícias Diárias* do sítio, na data correspondente.

Título: Finanças solidárias e moedas sociais

Entrevistado: Heloisa Primavera

Entrevista: Heloisa Primavera é bióloga pela Universidade de São Paulo, pós-graduada em Paris em Genética de Vírus e Biologia Molecular; Mestre em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, atualmente é doutoranda em Economia pela Universidade de Buenos Aires. Ela é fundadora da Rede Latino-americana de Socioeconomia Solidária e em 1999 foi animadora do Grupo internacional de animação do Pólo de Economia Solidária da Aliança para um mundo responsável, plural e solidária, onde criou e animou o Grupo de Trabalho sobre Moeda Social.

Atualmente, coordena o Projeto Colibri, cujo objetivo é formar uma rede de 3000 promotores de desenvolvimento endógeno na América Latina. Por sua atuação como promotora das redes de troca com moeda social na América Latina, recebeu o Premio de Mulher do Ano do Instituto de Estudos Políticos e Sociais da Mulher e foi incluída na lista das Vinte Mulheres que fazem História pelo jornal Clarín, em 2002. Dela publicamos uma entrevista *IHU On-Line* número 21 do dia 10 de junho de 2002,

disponível no sítio do IHU. Confira a íntegra da entrevista nas *Notícias Diárias* de 6/8/06.

Título: O esvaziamento da política pode ser superado por movimentos sociais e políticos capazes

Entrevistado: Carlos Alonso Barbosa de Oliveira

Entrevista: A política econômica do governo Lula e a conjuntura política nacional em ano de eleições foi o tema da entrevista que realizamos por e-mail com o professor Carlos Alonso de Oliveira, do Instituto de Economia da Unicamp. Carlos Alonso possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidad de Chile (1971), especialização em Teoria do Conhecimento pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1968), mestrado em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas (1973) e doutorado em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas (1978). Atualmente, é professor da Universidade Estadual de Campinas. Confira a íntegra da entrevista nas *Notícias Diárias* de 7/8/06.

Título: A violência na escola sob o olhar dos professores

Entrevistado: Isabel Cristina Santos de Paula

Entrevista: Duas escolas públicas no município de Jandira, na região oeste da Grande São Paulo, foram o cenário da pesquisa da Prof.^a MS Isabel Cristina Santos de Paula, que elaborou sua dissertação de mestrado em Educação intitulada *Violência na escola - opinião dos professores sobre as causas das manifestações de violência entre os alunos do Ensino Médio*, defendida na PUCSP, na última sexta-feira, dia 4-8-2006. A dissertação teve como objetivo investigar os argumentos com os quais os professores do Ensino Médio da rede estadual da Região de Itapevi, São Paulo, ajuízam as ações dos alunos que têm praticado violência dentro da escola de forma individual ou como ação coletiva. Confira no sítio do IHU a entrevista concedida pela professora, na editoria *Notícias Diárias* de 8/8/06.

Título: "Exigir o pagamento da dívida externa é um crime"

Entrevistado: Eric Toussaint

Entrevista: Como, e para o benefício de quem, funcionam as finanças globais? Eric Toussaint, ativista belga, historiador, cientista político, membro da CADTM (Comitê pelo Cancelamento da Dívida do Terceiro-Mundo), membro do conselho científico do Attac francês e membro do conselho internacional do Fórum Social Mundial, defende, juntamente com Damien Millet, o perdão da dívida externa dos países em desenvolvimento. No livro *50 Perguntas, 50 Respostas sobre a Dívida. O FMI e o Banco Mundial* (Boitempo, 2006), ele analisa os mecanismos utilizados pelos países ricos para exercer um domínio, que se constitui como "uma nova forma de colonização", praticada por intermédio das dívidas dos países de terceiro mundo e da ação das instituições multilaterais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (Bird). O livro e seu pensamento foram o tema da entrevista que a *IHU On-Line* realizou com ele, por telefone. Nela, ele também fala da conjuntura nacional e latino-americana. Confira no sítio do IHU a entrevista mencionada, na editoria *Notícias Diárias* de 9/8/06.

Título: O desencanto com a política se dá pela falta de um projeto de desenvolvimento
Entrevistado: Cláudio Salm

Entrevista: “O desencanto com a política, além da corrupção generalizada, advém, a meu ver, justamente da incapacidade das classes dominantes em formular uma proposta de desenvolvimento para o País”. Essa é a opinião de Cláudio Salm, professor da UFRJ, em entrevista exclusiva concedida por e-mail à *IHU On-Line*. Para ele, o voto nulo só reforça a situação atual e não representa saída alguma. Cláudio Leopoldo Salm possui graduação em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado em Economia pela Universidade do Chile e doutorado em Economia pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é professor adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando principalmente nos temas da educação, trabalho e qualificação. Confira a entrevista que ele nos concedeu, na qual fala sobre a política econômica brasileira e afirma: “tudo o que for feito para diminuir o excesso de mão-de-obra barata é positivo para a superação do nosso subdesenvolvimento”. Confira no sítio do IHU a entrevista mencionada, na editoria *Notícias Diárias* de 10/8/06.

Título: Responsabilidade social: práticas éticas e transparentes das empresas

Entrevistado: Ricardo Young

Entrevista: O que significa hoje o conceito de responsabilidade social nas empresas? No intuito de tentar responder essa pergunta, *IHU On-Line* realizou uma entrevista, por e-mail, com Ricardo Young, que falou sobre a Conferência Internacional de Empresas e Responsabilidade Social, realizado pelo Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social no último dia 22 de junho de 2006, em São Paulo. Ricardo Young é presidente do UniEthos e do Conselho Deliberativo do Instituto Ethos. Em junho de 2005 a Unisinos realizou o **Seminário Responsabilidade Social Empresarial. Limites, possibilidades e perspectivas**, organizado pelo Instituto Humanitas Unisinos. Sobre este tema a revista *IHU On-Line* dedicou sua matéria de capa, na edição número 144, de 6 de junho de 2005. Dentre os vários entrevistados, falou também o empresário Ricardo Young. Young é graduado em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas e pós-graduado em administração geral pelo PDG/EXEC. Confira no sítio do IHU a entrevista mencionada, na editoria *Notícias Diárias* de 11/8/06.

Título: “A infância é uma construção histórico-cultural”

Entrevistado: Rita Cardoso Erbs

Entrevista: A conferência *Criança, família e instituições: compartilhando espaços e construindo infâncias*, apresentada por Rita Tatiana Cardoso Erbs, abriu o **II Fórum de Pedagogia - Educação a Distância**, no último dia 5 de agosto. O evento aconteceu no Núcleo Universitário de Canela e foi promovido pelo Núcleo de Educação à Distância da Universidade de Caxias do Sul. O tema da conferência motivou a *IHU On-Line* a fazer uma entrevista por e-mail com a palestrante, Rita Tatiana Cardoso Erbs, professora na Universidade de Caxias do Sul. Rita é graduada em Psicologia e mestre em Educação pela PUCRS. Atualmente, é doutoranda em Educação na mesma instituição. Confira sua análise sobre as diversas formas de infância em nossa sociedade, publicada no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu, editoria *Notícias Diárias*, em 13-08-06.

Título: O poder das comidas cruas

Entrevistado: Aris La Tham

Entrevista: Com exclusividade, por telefone à *IHU On-Line*, Aris La Tham, chef vegetariano famoso por seus alimentos feitos ao Sol, disse que nos alimentos há vida e devemos absorver com eles a energia solar que vão acumulando. Aris La Tham, panamenho da Zona do Canal, é vegetariano há 34 anos e usa alimentos vegans, crus e vivos, há 28 anos. É descendente direto de uma família de mestres culinários africanos das Índias Ocidentais e tornou-se famoso defensor dos alimentos saudáveis. A entrevista faz parte da presente edição 191 da *IHU On-Line*, intitulada *Por uma ética do alimento. Sobriedade e compaixão*, disponível para *download* no sítio www.unisinus.br/ihu.

Título: “O País nunca enfrentou tanto desemprego na sua história urbana e industrial”

Entrevistado: Anselmo Luís dos Santos

Entrevista: “A taxa de desemprego hoje entre as pessoas com 11 anos ou mais de estudo é maior do que quando o governo Lula assumiu”, constata o economista Anselmo Luis dos Santos, professor do Instituto de Economia da Unicamp em entrevista à *IHU On-Line* desta semana. Mais. Segundo ele, “nas metrópoles, os dados mais recentes mostram que caiu a renda em geral de todos os extratos dos trabalhadores das metrópoles, inclusive a renda dos 10% mais pobres. Por exemplo, a renda média dos 10% de trabalhadores mais pobres na região metropolitana de São Paulo, era R\$ 250,00 em 2002 e agora caiu de janeiro a junho de 2006 para R\$ 226,00. Temos também pessoas entre os menos favorecidos aqueles que estão pior inseridos no mercado de trabalho que perderam renda no governo Lula, vinham perdendo no governo Fernando Henrique e continuaram perdendo”. Confira a entrevista na editoria *Notícias Diárias* do sítio do IHU em 14-08-06.

Entrevistas que reproduzidas na página do IHU

Título: “Sob nossos pés, a energia que o mundo precisa”

Entrevistado: Jefferson Tester, do MIT

Entrevista: Jefferson Tester, químico do Massachusetts Institute of Technology (MIT) explica por que as novas tecnologias finalmente poderão tornar possível a “mineração de calor” em quase qualquer parte da terra. A resposta para as necessidades energéticas do mundo pode estar sob os nossos pés, de acordo com Jefferson Tester, professor de engenharia química do Laboratório de Energia e Meio Ambiente do MIT. Ele concedeu uma entrevista para a revista *Technology Review* que foi traduzida e publicada pelo jornal *Estado de S. Paulo*, 6-8-2006, e reproduzida pelo sítio do IHU em 7-08-06.

Título: O esgotamento da luta eleitoral. A posição do Movimento Consulta Popular

Entrevistado: Ricardo Gebrim

Entrevista: O Movimento Consulta Popular (MCP) realizou recentemente a sua primeira Plenária Nacional. Com a participação de representantes de vários Estados, o movimento político, criado em 1997, tem como eixo central a construção de um Projeto Popular para o Brasil. O advogado Ricardo Gebrim, da coordenação nacional do Movimento, explicou em entrevista ao jornal *Brasil de Fato*, as alternativas da Consulta à participação no processo eleitoral deste ano, questão amplamente debatida pelos delegados. Hoje presidente do Sindicato dos Advogados do Estado de São Paulo, foi presidente do Diretório Central dos Estudantes (DCE Livre da PUC) em 1980 e militante da Solidariedade com a Revolução Nicaragüense. De 1988 a 1991, foi assessor jurídico da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Confira a íntegra da entrevista nas *Notícias Diárias* de 9/8/06.

Título: "Estão invadindo e saqueando as terras indígenas da Amazônia"

Entrevistado: Fiona Watson

Entrevista: Fiona Watson é a responsável por campanhas da ONG Survival (Sobrevivência) de apoio aos povos indígenas. Esta filóloga espanhola, francesa e portuguesa, que compreendeu quando era menina o que era a discriminação na África do Sul do apartheid, trabalhou durante mais de dez anos com povos indígenas de todo o mundo, especialmente na Amazônia brasileira. Em entrevista concedida ao jornal *El País*, de 9-8-2006, sua mensagem é clara: "a humanidade não pode permitir o desaparecimento de parte de suas culturas, as indígenas, e há maneiras de evitar essa extinção". Confira a íntegra da entrevista nas *Notícias Diárias* de 10/8/06.

Título: Para a periferia, Estado e PCC são dois lados da mesma moeda

Entrevistado: Jorge Zaverucha

Entrevista: Na periferia a reação policial se mostra brutal. Desse modo, também é atingida a população mais carente. Sob este prisma, Estado e PCC são dois lados da mesma moeda. A afirmação é do cientista político Jorge Zaverucha³¹, doutor pela

³¹ **Jorge Zaverucha:** cientista político brasileiro. Professor na Universidade Federal de Pernambuco e coordenador do Núcleo de Estudos de Instituições Coercitivas (NIC) na mesma instituição, é mestre em Ciências Políticas pela Hebrew University Of Jerusalém, em Israel e doutor na mesma área pela University of Chicago, nos EUA onde defendeu a tese *Civil-Military Relations During the Process of Transition: Spain, Argentina and Brazil*, cursou o pós-doutorado em 1996, na University of Texas at Austin também em Ciências Políticas. Entre suas publicações, destacamos: *Democracia e Instituições Políticas Brasileiras no Final do Século XX*. Recife: Bagáço, 1998; *Frágil Democracia: Collor, Itamar, FHC e os Militares (1990-1998)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, *FHC, Forças Armadas e Polícia: Entre o Autoritarismo e a Democracia, 1999-2002*. Rio de Janeiro: Record, 2005. Zaverucha concedeu a entrevista *O caos do sistema prisional* à *IHU On-Line* 182, de 29 de maio de 2006, intitulada *Segurança urbana e desigualdade social*. (Nota da *IHU On-Line*)

Universidade de Chicago e coordenador do Núcleo de Estudos de Instituições Coercitivas da Universidade Federal de Pernambuco em entrevista à *Folha de S.Paulo* de 9-8-06. Confira à íntegra da entrevista nas *Notícias Diárias* de 10/8/06.

Título: Globalização e ecologia nas palavras de Fidel

Entrevistado: Fidel Castro

Entrevista: Acaba de ser lançado pela Boitempo Editorial o livro *Fidel, biografia a duas vozes*, de Ignacio Ramonet. A obra mostra a sofisticação daquele que é desqualificado como "ditador" pela imprensa. Detalhando sua visão sobre o capitalismo contemporâneo, o líder cubano mostra porque é o grande estadista da segunda metade do século XX. Essas são palavras de Gilberto Maringoni, em artigo publicado pela *Agência Carta Maior*, de 10-8-2006. Leia, no sítio do IHU, editoria *Notícias Diárias* de 11-08-06, seu comentário e trechos de uma entrevista feita por Ramonet com Fidel.

Título: Marcola. Um leitor de Lênin e Mao

Entrevistado: Marcos Camacho (Marcola)

Entrevista: A visão do ex-frade não é compartilhada pelo deputado Paulo Pimenta (PT-RS), integrante da CPI do Tráfico de Armas. Pimenta iniciou a carreira política nos anos 80 defendendo a ditadura do proletariado. Marxista-leninista de carteirinha, acreditava que o materialismo dialético dava conta de explicar o movimento da sociedade. Com o colapso do comunismo, mudou de idéia e hoje acredita que a democracia é o principal valor a ser defendido. Em junho deste ano, como deputado da CPI, colheu o depoimento de Marcos Camacho, o Marcola, com quem travou um insólito diálogo sobre as influências leninistas do criminoso. Confira a entrevista no sítio do IHU, reproduzida nas *Notícias Diárias* de 13-08-06.

Título: Armadilhas de um tempo-bomba. As irracionalidades da globalização, segundo geógrafa discípula de Milton Santos

Entrevistado: Maria Laura Silveira

Entrevista: Na semana passada, pela terceira vez, o crime organizado mexeu com a vida da maior metrópole do País. Para Maria Laura Silveira, professora do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, a cidade de São Paulo tem levado uma culpa que não é sua. "O problema é o período em que vivemos, que demonstra irracionalidades, tendo o consumo e as finanças como seus motores", defende a discípula do geógrafo Milton Santos, um dos grandes pensadores do País, falecido em 2001. Foi com ele que Maria Laura escreveu *O Brasil - Território e sociedade no início do século XXI* (Editora Record). E é com base nele que deu a entrevista ao Estado de S. Paulo, 13-8-2006, e reproduzida pelo sítio do IHU, editoria *Notícias Diárias*, na mesma data.

Título: "Não tem diferença do ponto de vista do modelo econômico. Eu acho que a eleição do Lula ou do Alckmin é igual"

Entrevistado: Olavo Setúbal

Entrevista: "Quando foi eleito, tive uma preocupação de que ele levasse o governo para uma linha de esquerda, mas ele foi mais conservador do que eu esperava". A afirmação é de Olavo Setúbal, banqueiro, dono do Banco Itaú, em entrevista ao jornal *Folha de S.*

Paulo, 13-8-2006. A entrevista foi reproduzida pelo sítio do IHU, editoria *Notícias Diárias*, em 13-08-06.

Título: “O cristianismo não é somente um acúmulo de proibições”

Entrevistado: Bento XVI

Entrevista: “Crer se tornou difícil, pois o mundo no qual nos encontramos é feito completamente por nós mesmos e aí Deus, por assim dizer, não entra mais diretamente. Não se bebe na fonte, mas daquilo que, já engarrafado, nos é oferecido. Por outro lado o Ocidente hoje é atingido por outras culturas onde o elemento religioso originário é muito forte, e que se defrontam com a frieza que encontram no Ocidente nos seus confrontos com Deus. E esta presença do sagrado nas outras culturas, ainda que, de muitas maneiras, velada, toca novamente o mundo ocidental, toca a nós, que nos encontramos na encruzilhada de tantas culturas. E também do profundo do homem do Ocidente e da Alemanha sai sempre novamente a pergunta por alguma coisa “maior”.” A afirmação é de Bento XVI numa entrevista concedida, em 05-08-06, ao *Bayerischer Rundfunk (Ard)*, *Zdf*, *Deutsche Welle* e *Radio Vaticana* e transmitida na noite de ontem, dia 13-8-2006. O jornal italiano *Repubblica*, 14-8-2006, publica extratos da entrevista que traduzimos e reproduzimos no sítio do IHU na mesma data.

IHU em revista

Eventos pg. XX

Sala de Leitura pg. XX

IHU Repórter pg.

XX

A Teoria Sistêmica e a auto-organização: a confluência entre a Filosofia e as ciências

II Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: um diálogo desde a Filosofia

Na abertura da segunda edição do **Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: um diálogo desde a Filosofia**, o tema em debate é *A Teoria Sistêmica e a auto-organização: a confluência entre a Filosofia e as ciências*, a ser conduzido pelo Prof. Dr. Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Agende-se para participar e faça logo sua inscrição, pelo sítio do IHU: www.unisinos.br/ihu. É dia 16 de agosto, das 17h30min às 19h, na Sala 1G119 do IHU.

Cirne-Lima é professor do PPG em Filosofia da Unisinos. É graduado em Filosofia pelo Berchmannskolleg, em Pullach (Alemanha), doutor em Filosofia pela Universität Innsbruck, na Áustria e livre-docente pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Entre seus livros publicados, citamos: *Realismo e Dialética. A analogia como dialética do Realismo*. Porto Alegre: Globo, 1967; *Sobre a contradição*. Porto Alegre: Edipucrs, 1993; *Dialética para Principiantes*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002. Dele a *IHU On-Line* publicou uma entrevista na 80ª edição, de 20 de outubro de 2003, sob o título *As universidades perderam a unidade do saber* e na 102ª edição, de 24 de maio de 2004, sob o título *Karl Rahner defendeu idéias, antes do tempo, cedo demais*. Na edição 142 da *IHU On-Line*, de 23 de maio de 2005, intitulada *O ser humano como sujeito social na Teoria dos Sistemas, Auto-Organização e Caos*, Cirne-Lima foi um dos integrantes da mesa-redonda que debateu esse assunto com os filósofos Karen Gloy, da Universidade de Lucerna,

Áustria, e Günther Küppers, da Universidade de Bielefeld, Alemanha. A entrevista mais recente concedida pelo filósofo à *IHU On-Line* foi na edição 183, de 5 de junho de 2006, quando falou sobre o lançamento do CD-ROM *Dialética para todos*, sob o título *Dialética para todos: Aristóteles com o controle-remoto na mão*. Todas as entrevistas estão disponíveis para download no site do IHU, www.unisinos.br/ihu. O assunto também foi tratado no caderno IHU em Formação, edição número 6 com o título de “Física, Evolução e Idéias”.

Do pré-urbano ao urbano: as missões jesuíticas coloniais platinas

IHU Idéias

O Prof. Dr. Arno Alvarez Kern, docente na PUCRS, é o palestrante do **IHU Idéias** desta quinta-feira, 17 de agosto, das 17h às 19h, na Sala 1G119 do IHU. O tema *Do pré-urbano ao urbano: as missões jesuíticas coloniais platinas* integra a programação do Ano Jubilar Inaciano, e serve como preparação para o Seminário Internacional **A globalização e os jesuítas: origens, história e impactos**, que vai de 25 a 28 de setembro, na Unisinos.

Adiantando alguns aspectos do assunto que trará ao *IHU Idéias*, por e-mail, em artigo exclusivo para esta edição, Kern afirmou que “interpretar a transição das formas pré-urbanas às formas urbanas significa, antes de tudo, tentar compreender quando uma etnia e seus grupos sociais tornam-se sedentários e passam a identificar-se com relação a uma identidade comunitária”.

Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), especialista em Arqueologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Kern é mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com a dissertação *As Missões Jesuítico-Guaranis da Província Jesuítica do*

Paraguai. Doutorou-se em Arqueologia, Métodos e Técnicas pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), na França com a tese *O pré-cerâmico do planalto sulbrasileiro*. Tem ainda dois títulos de pós-doutor, ambos na EHESS. De sua produção acadêmica, destacamos: *Utopias e Missões Jesuíticas*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 1994; *Arqueologia Histórica Missioneira*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, por ele organizada; *Utopias e Missões Jesuíticas*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 1994. e *Arqueologia no Brasil Meridional*. Porto Alegre: PPGH, 2002.

Missioneiros e jesuítas no processo de urbanização

Por Arno Alvarez Kern

Interpretar a transição das formas pré-urbanas às formas urbanas significa, antes de tudo, tentar compreender quando uma etnia e seus grupos sociais tornam-se sedentários e passam a identificar-se com relação a uma identidade comunitária. A resposta a esta questão não é nada simples, nem para arqueólogos, nem para historiadores. Entretanto, existem alguns indícios sobre o crescimento populacional e o desenvolvimento destas novas aglomerações urbanas que podem ser obtidos na documentação histórica e na cultura material remanescentes. Devemos destacar, em primeiro lugar, a idéia de que a cidade é composta por homens na história, ou seja, organizados em relações sociais duráveis e comunidades estruturadas, mas em contínuas mudanças ao longo de um processo histórico. Nos documentos históricos que nos falam dos primórdios de uma cidade, predominam as referências aos seus habitantes: os *parisií*, os “atenienses” e os “guaranis” como os integrantes de

Paris, de Atenas ou dos *pueblos* de índios missioneiros. Este fato não nos deve, entretanto, enganar: o critério quantitativo do número total de habitantes não é suficiente para definir se uma aglomeração urbana é ou não uma cidade. Os povoados missioneiros, por exemplo, maiores do que muitas das cidades coloniais platinas, nunca receberam oficialmente o título oficial de cidade. Por sua vez, muitas das denominadas cidades não passavam de pequenas aldeias com um número restrito de habitantes. No século XVII, por exemplo, a capital Buenos Aires era ainda defendida por uma fortificação muito rudimentar guarnecida por poucos soldados mal-armados. Teria apenas umas 400 casas edificadas em grande parte de adobe e palha e não ultrapassaria uns 5.000 habitantes. As missões de São Miguel e de São Lourenço chegaram a ter 7.000 habitantes no século XVIII.

As cidades missioneiras atuais

A história missioneira nos mostra um processo muito complexo de desenvolvimento urbano. Os primeiros missionários penetraram em aldeias de guaranis pré-históricas. Tentaram implantar as reduções da primeira fase, ainda muito incipientes e rudimentares, logo destruídas pelos bandeirantes. As ruínas missioneiras que conhecemos pertencem a uma segunda fase, na qual estes povoados atingiram o seu auge no período colonial. Finalmente, muitas destas aglomerações urbanas deram origem às cidades missioneiras atuais de São Luiz, São Miguel, São Borja, São Nicolau e Santo Ângelo. Trata-se, portanto, de um longo e complexo processo de urbanização que se inicia com as aldeias guaranis e termina nas atuais cidades missioneiras, do pré-urbano ao urbano.

Podemos hoje compreender melhor como os povos indígenas receberam e "dialogaram" com os jesuítas nesse processo de urbanização. A releitura que pode ser feita atualmente, tanto com base nas informações iconográficas como nas observações arqueológicas *in situ*, é agora muito clara. O povoado missioneiro materializa-se como uma síntese cultural de influências indígenas e européias. As casas isoladas, como as das aldeias dos indígenas de origem amazônica, mostram a permanência da organização social baseada em famílias extensas dos guaranis. O plano das ruas que se cortam em ângulos retos relaciona-se ao urbanismo greco-romano. A praça maior é uma herdeira da ágora grega e do fórum romano. O conjunto formado pela igreja, o claustro, o cemitério, as oficinas e a quinta, está relacionado historicamente às abadias e aos mosteiros medievais.

Mesmo que estes povoados missioneiros contêm apenas uma sociedade restrita, limitada a dezenas de missionários e milhares de famílias guaranis, esta sociedade é um verdadeiro microcosmo humano que resume a diversidade e a complexidade do mundo e da humanidade.

No imenso cenário da região missioneira, do Guairá ao Tape, de Assunção a Buenos Aires, os missionários jesuítas europeus e os indígenas encontraram-se e confrontaram-se, em complexas relações culturais inter-étnicas. Podemos observar no lento, mas dinâmico, passar do tempo histórico, a emergência de uma síntese cultural complexa, na qual a persistência do modo de vida do guarani não é menos importante do que as tradições ibéricas da Idade Média e as novas manifestações da era moderna. A língua portuguesa falada no Brasil contém em torno de 20% de vocábulos tupi-guaranis. Nós, ainda hoje, podemos dormir em redes de algodão, tomamos mate em porongos, fumamos as folhas de tabaco e alimentamo-nos com plantas cultivadas pelos indígenas: o amendoim, a abóbora, o aipim, o milho, o feijão, a batata comum, a batata doce, o abacaxi, a farinha de mandioca etc.

O intercâmbio entre índios e jesuítas

É necessário reconhecer que, nestes povoados missioneiros, os jesuítas e seus convertidos, os guaranis, buscaram sempre uma situação de equilíbrio entre as contradições e as ambigüidades da própria sociedade colonial. Tentaram permanecer entre o trono espanhol e o altar cristão, entre a sociedade espanhola e a sociedade indígena, entre os interesses das frentes

de colonização luso-espanhola e os objetivos evangelizadores da ação dos missionários, entre os interesses mercantilistas dos brancos e o desejo de sobrevivência dos índios.

Não é possível ignorar também que os jesuítas tiveram que admitir velhas estruturas e costumes indígenas, ora por imposição dos neófitos, ora por estratégia. A concessão ao modo de ser dos indígenas se fazia para não se correr o risco de pôr a perder todo o trabalho de evangelização. Foi assim que se admitiu, a contragosto, a poligamia dos caciques guaranis durante muito tempo, como forma de não perder seus melhores aliados na luta contra os pajés e na conversão dos indígenas. Fica evidente que o sistema desenvolvido pelos missionários europeus na América, inclusive dos jesuítas, não se desenvolveu segundo um plano fixo e imutável de uma

utopia, mas formou-se paulatinamente, fundamentado nas estruturas sociais vigentes (européias ou indígenas) e na prática das sucessivas atividades apostólicas que se desenvolviam nas diferentes etnias. Os Trinta Povos missioneiros não foram, definitivamente, alguma antevisão de sociedades do futuro, nem uma aplicação na prática das utopias, nem mesmo de sonhos temporais jesuíticos de ocupação territorial do continente sul-americano, como algumas imaginações férteis já afirmaram. Eles participaram, isto sim, de uma tentativa bem sucedida de instalação e desenvolvimento de uma vida comunitária cristã, com os grupos de Guarani que eram levados pelos jesuítas gradualmente, mas com decisão, para uma situação de aculturação à sociedade espanhola e à religião cristã.

“Viagem ao Rio Grande do Sul: 1820-1821”, de Auguste de Saint-Hilaire

Ciclo de Estudos sobre a Formação Social Sul Rio- Grandense: a leitura de seus intérpretes

Viagem ao Rio Grande do Sul: 1820-1821. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974, de Auguste de Saint-Hilaire é a obra analisada pelo Prof. Dr. Paulo Zarth no **Ciclo de Estudos sobre a Formação Social Sul Rio-Grandense: a leitura de seus intérpretes**. A atividade acontece nesta quinta-feira, 17 de agosto, das 19h30min às 22h15min, na Sala 1G119 do IHU. Zarth é professor na

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), de onde contribuiu por e-mail com a entrevista que segue, à **IHU On-Line**. Ele disse que a obra escrita pelo botânico francês é um diário e subproduto de suas pesquisas nessa área, podendo ser considerada como uma fotografia do Rio Grande do Sul nos anos 1820 e 1821. Mas avisa: “É sempre bom lembrar que, como toda a fotografia, este diário foi redigido pelas lentes de uma pessoa, com suas escolhas, com seus próprios pontos de vista”.

Zarth é graduado em Estudos Sociais e Geografia pela Unijuí, mestre e doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Sua tese intitulou-se *Do arcaico ao moderno: as transformações no Rio Grande do Sul rural*, publicada pela Editora da Unijuí em 2002. É autor de *Historia agrária do planalto gaúcho*. Ijuí: Editora Unijuí, 1997 e um dos organizadores de *Os caminhos da exclusão social*. Ijuí: Unijuí Editora, 1998.

Um retrato do Rio Grande do Sul do século XIX

Entrevista com Paulo Zarth

IHU On-Line - Por que Saint-Hilaire decidiu fazer uma expedição ao Rio Grande do Sul? Quanto tempo passou aqui e qual foi o roteiro de sua viagem?

Paulo Zarth - A viagem de Saint-Hilaire ao Brasil se inscreve num contexto de expansão da pesquisa e da ciência na Europa, com centenas de naturalistas circulando pelos diversos continentes. De um lado, o conhecimento científico era fruto da paixão pela ciência que despertou vigorosamente no século XVIII europeu. Por outro lado, servia para consolidar a idéia de civilização e grandiosidade dos grandes países europeus e também servia aos interesses colonialistas das metrópoles

no domínio do Planeta. Do ponto de vista individual, a viagem lhe renderia prestígio na comunidade científica européia. Foi presidente da *Académie des Sciences* de Paris em 1835.

SAINT-HILAIRE, Augustin François César Prouvansal de, (Auguste de Saint-Hilaire) veio ao Brasil em 1816, acompanhando uma missão diplomática francesa. Depois de suas viagens por Minas Gerais e Goiás, entre outras áreas do País, iniciou sua viagem pelo Rio Grande do Sul por Torres, aonde chegou no dia 5 de junho de 1820, procedente de Laguna. Seguindo sua viagem,

demorou alguns dias em Porto Alegre, partindo depois para Rio Grande numa comitiva do Conde de Figueira³², administrador da capitania. Deste porto, após visitar também Pelotas, prosseguiu até Montevideu e de lá, margeando o rio Uruguai, subiu até as Missões, visitando São Borja, São Nicolau, São Luís, São Lourenço, Santo Ângelo, São Miguel, São João, povoações descritas com detalhes pelo nosso viajante francês.

Das Missões, Saint-Hilaire fez um roteiro até Rio Pardo, passando por Santa Maria e Cachoeira. Em Rio Pardo, tomou uma embarcação até Porto Alegre, chegando a esta cidade em 16 de maio de 1821. Sua intenção era a de voltar por terra até o Rio de Janeiro, mas foi aconselhado a ir pelo mar, via Rio Grande. Saint-Hilaire deixou Porto Alegre numa sumaca³³ rumo a Rio Grande no dia 19 de junho de 1821, chegando a este porto no dia 25 de junho. Após uma estada nesta cidade, seguiu para o Rio de Janeiro, viajando durante dez dias.

³² **Conde de Figueira** (1788-1872): foi Dom José de Castelo Branco Corrêa da Cunha Vasconcelos e Sousa. Era Senhor d'Entre Homem e Cavado, da Quinta da Torre, de Cabra, Arranca Cêpas, Alcaide-Mor de Mourão, Par do Reino de Portugal, Gran Cruz das Reaes Ordens da Torre e Espada e de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, de Portugal, e da Real Ordem de Carlos III, de Espanha, Comendador da Real Ordem de Cristo e Veador de S.M.R. a Princesa Dona Maria Benedita. Era Grande de Espanha, de 1ª classe, Marquês d'Olias e de Zurrial, na Catalunha, e Marquês de Nortara, no Ducado de Milão. Em 19 de Outubro de 1818, tomou posse do Governo da Capitania de São Pedro do Rio Grande como seu 3º Capitão-General, ou seja o 12º Governador. Foi o substituto do Marquês de Alegrete no Governo do Rio Grande do Sul. (Nota da *IHU On-Line*)

³³ **Sumaca**: barco a vela utilizada para transporte de pessoas e carga. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Como Saint-Hilaire descreve os costumes do Rio Grande do Sul em sua obra Viagem ao Rio Grande do Sul: 1820-1821?

Paulo Zarth - O livro escrito por Saint-Hilaire não é uma obra acadêmica, no sentido que damos hoje, trata-se de um diário e por isso suas observações são baseadas em anotações feitas em diferentes momentos e com diferentes sentimentos ou sensibilidades. Estas notas foram escritas com um olhar europeu, mas mesmo assim, o diário é rico ao descrever os costumes dos antigos habitantes do Rio Grande do Sul. Pela condição de diário, as observações são muito diversificadas com relação aos costumes e aos habitantes. Chama a atenção o destaque que o autor dá para a forte influência da produção pastoril, que desenvolveu uma população ligada aos cavalos e ao hábito de comer carne. Segundo nosso viajante, estes hábitos teriam influência no caráter dos habitantes.

IHU On-Line - Qual é o maior mérito da obra? Como foi sua recepção na época em que foi lançada?

Paulo Zarth - Inicialmente deve se considerar que Saint-Hilaire foi um botânico, e o diário é uma espécie de subproduto de suas pesquisas botânicas. De qualquer forma, o maior mérito deste diário é retratar um período da nossa história. Ele pode ser comparado como uma fotografia - uma das poucas existentes para esta época - do Rio Grande de 1820/21. É sempre bom lembrar que, como toda a fotografia,

este diário foi redigido pelas lentes de uma pessoa, com suas escolhas, com seus próprios pontos de vista.

IHU On-Line - De que forma Viagem ao Rio Grande do Sul pode nos ajudar a reconstruir a história de nosso Estado?

Paulo Zarth – Se considerarmos que o diário é um registro raro, ele é importante como ponto de partida para qualquer estudioso da história do Rio Grande do Sul. Suas descrições da paisagem, dos aspectos econômicos, sociais e culturais fornecem um material muito rico. Uma leitura detalhada, demorada, termina com a sensação de nós mesmos termos realizado uma extensa viagem pelo Rio Grande e pelo Uruguai. É quase um filme histórico, com uma intensidade de cenas que passam diante dos nossos olhos. Lembrando mais uma vez que as cenas foram analisadas pelo olhar de um membro da elite francesa do século XIX. Algumas destas observações correm o risco de cristalizar de forma equivocada aspectos importantes da História se não forem submetidas à análise crítica. Para tanto, é necessário o acréscimo de novas fontes, existentes nos arquivos históricos do Rio Grande do sul.

IHU On-Line - Se tivesse que ser reescrita hoje, Viagem ao Rio Grande do Sul deveria ser mudada, sobretudo em quais aspectos?

Paulo Zarth – É impossível reescrever um diário, pois é resultante de um registro que tem como característica a sensibilidade do autor em determinado momento. O próprio Saint-Hilaire percebe isso e com alguma frequência refaz observações anteriores. Trata-se de uma obra única.

Além disso, na perspectiva do historiador, num sentido profissional, esta mesma “viagem” poderia ser escrita de diversas

outras formas, considerando novos aportes teóricos e metodológicos. Por exemplo, suas observações sobre os guaranis seriam inconcebíveis nos dias de hoje, considerando as novas abordagens produzidas pela antropologia a respeito da cultura.

IHU On-Line - Viagem ao Rio Grande do Sul foi traduzida do francês para o português voluntariamente por Adroaldo Mesquita da Costa, e entregue ao prelo quando ele tinha 90 anos de idade. Por que uma obra de tal valor histórico não encontrou tradutores antes?

Paulo Zarth – Na realidade, a obra foi traduzida e publicada em 1935 sem a parte correspondente ao Uruguai. A tradução de Adroaldo Mesquita da Costa³⁴ é completa e, portanto, melhor. Podemos conjecturar que os leitores do final do século XIX e do início do século XX liam em francês, língua muito utilizada pelas elites e intelectuais brasileiros. Atrasos na publicação parecem algo que acompanha a história da obra, pois a edição francesa é de 1887, enquanto o autor faleceu em 1853.

³⁴ **Adroaldo Mesquita da Costa** (1894 - 1985): foi constituinte em 1934 e em 1946, ministro da Justiça de 1947 a 1950 e deputado federal de 1950 a 1955. (Nota da *IHU On-Line*)

A violência da moeda

Quarta com cultura – Repensando os clássicos da economia

O próximo **Quarta com Cultura – Repensando os clássicos da economia** irá abordar a obra de Michel Aglietta. No dia 16 de agosto, na Livraria Cultura de Porto Alegre, das 19h30min às 21h30 min, o economista Octavio Augusto Camargo Conceição vai falar do livro *A violência da moeda* (AGLIETTA, Michel; ORLÉAN, André : *La violence de la monnaie*. Paris, PUF. Trad. bras. ed. Brasiliense: 1990). Para adiantar um pouco do assunto, o economista concedeu uma entrevista por e-mail à *IHU On-Line*. Octavio é doutor em economia pela UFRGS com a tese *Abordagem Institucionalista: um estudo do papel das instituições no processo de mudança e crescimento econômico*, 2000. É professor adjunto do Departamento de Ciências Econômicas da UFRGS e do Programa de Pós-Graduação em Economia. Técnico da Fundação de Economia e Estatística, atualmente exerce a função de Editor da revista Indicadores Econômicos FEE.

Aglietta e a Escola de Regulação

Entrevista com Octavio Augusto Camargo Conceição

IHU On-Line - O que é essa violência da moeda no estudo de Aglietta e Orléan? Qual a contribuição teórica destes dois autores?

Octavio Augusto Camargo Conceição
- Michael Aglietta³⁵ é um famoso

³⁵ **Michael Aglietta:** principal expoente da Escola Francesa da Regulação, professor de Ciências Econômicas na Universidade de Paris. Entre suas principais obras estão *Macroeconomia Financeira* Vol. I e II

economista francês, considerado, na literatura econômica internacional, como o fundador da Escola Francesa da Regulação³⁶. Sua formação teórica está

(Loyola:2004) e *Violência da Moeda* (Brasiliense: 1982). (Nota da *IHU On-Line*)

³⁶ **Escola Francesa da Regulação:** é uma corrente de pensamento econômico de origem francesa. Nasce em meados dos anos 70 de uma crítica severa à economia neoclássica, que procura ultrapassar através

fortemente enraizada nas contribuições de Marx³⁷ e Keynes³⁸, mas, evidentemente, não se esgota na concepção desses autores. Tem uma

de uma síntese eclética entre keynesianismo, marxismo, institucionalismo americano, historicismo alemão e a Escola dos annales. Estabelece uma diferença entre *regime de acumulação* e *modo de regulação* para analisar a evolução econômica das sociedades. O modo de regulação é o conjunto de leis, valores, hábitos que medeiam a relação com o regime de acumulação e mantêm a coesão social. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁷ **Karl Heinrich Marx** (1818–1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no *Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.^a Dr.^a Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. O *Caderno IHU Idéias*, edição número 41, teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁸ **John Maynard Keynes** (1883-1946): economista e financista britânico. Sua *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro* (1936) é uma das obras mais importantes da economia. Esse livro transformou a teoria e a política econômicas, e ainda hoje serve de base à política econômica da maioria dos países não-comunistas. De Keynes, publicamos um artigo e uma entrevista na 139ª edição, de 2 de maio de 2005, outra entrevista na 144ª edição, de 6 de junho de 2005, dois artigos na 145ª edição, de 13 de junho de 2005, e um artigo nos *Cadernos IHU Idéias* número 37, de 2005, intitulado *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes*, de autoria do Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho. (Nota da *IHU On-Line*)

vasta formação a respeito dos principais problemas que enfrentam as economias capitalistas em particular e o próprio sistema como um todo, com base em estudo das relações mercantis, do processo de trabalho, das formas de organização da produção, do Estado e da moeda. É um dos maiores economistas e teóricos de nosso tempo. André Orléan³⁹ segue a tradição teórica de Aglietta no livro centrado no estudo da moeda nas economias capitalista contemporâneas.

A violência da moeda

As principais idéias sistematizadas pelos referidos autores no livro *A Violência da Moeda* são bastante complexas e envolvem a compreensão do sistema econômico capitalista como algo intrinsecamente instável, dinâmico, mas, ao mesmo tempo, e, senão, por isso mesmo, abalado, sacudido e movimentado periodicamente pela eclosão de crises sistêmicas, de grande profundidade estrutural, que transformam seu padrão de funcionamento. Tal comportamento manifestou-se desde a origem do referido modo de produção capitalista, quando do triunfo da denominada 1ª Revolução Industrial.

No livro de 1976, Aglietta ocupa-se fundamentalmente em explicar por que o denominado “fordismo” – termo, aliás, criado pelos próprios regulacionistas, próximos a Aglietta,

³⁹ **André Orléan**: Economista francês da Escola da Regulação. Escreveu juntamente com Michael Aglietta o livro *A Violência da Moeda* (Brasiliense:1990). (Nota da *IHU On-Line*)

como Robert Boyer⁴⁰, Benjamin Coriat⁴¹ e Alain Lipietz⁴², no final dos anos 1970 - entra em colapso no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, e que tipo de crise daí decorreria.

À fantástica articulação capitalista que permitiu a extraordinária acumulação capitalista do pós-guerra, chamada por muitos de “anos dourados”, no auge do keynesianismo, sucedeu-se uma série de problemas marcados pelo seu oposto: crise do keynesianismo, falência de políticas estatais de geração de renda e emprego, déficits públicos sistemáticos e, naturalmente, a eclosão de um fenômeno, até então, desconhecido. Trata-se da fusão do descontrole de preços associado a um processo de estagnação econômica. A denominada “estagflação” explicitava a falência da regulação “fordista” ou “keynesiana” e políticas macroeconômicas antikeynesianas, antidemanda-efetiva e antifordistas passaram a ser implementadas. A esse processo (de crise do sistema então vigente) Aglietta e os regulacionistas passaram a designar “crise da regulação”, ou se quisermos, desarticulação de uma fase de funcionamento duradoura (leia-se

⁴⁰ **Robert Boyer**: economista de notória relevância no debate da escola francesa da regulação. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴¹ **Benjamin Coriat**: economista da escola de regulação, professor na Universidade de Paris. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴² **Alain Lipietz**: economista francês, diretor de pesquisa no CNRS (Centre national de la recherche scientifique). Sua pesquisa se concentra na análise social-econômica dentro das relações humanas. (Nota da *IHU On-Line*)

desarticulação de um padrão de regulação), crise estrutural e geração ou construção futura (?) das bases de uma nova regulação (talvez ainda em formação). Assim, se o padrão fordismo, centrado na hegemonia de razão salarial sobre as demais formas institucionais de estrutura hegemonizou ou “regulou” o capitalismo durante a vigência do fordismo, Aglietta levanta a suspeita de que na atual fase de decomposição do fordismo e constituição de uma nova fase de expansão capitalista a moeda passa a exercer seu papel de hegemonia, diante das demais formas institucionais.

IHU On-Line - O que é moeda?

Octavio Augusto Camargo Conceição

- Para se entender a perspectiva analítica na qual Aglietta e Orléan desenvolvem sua tese, é importante fazer referência à obra pioneira de Aglietta, *Régulation et crises du capitalisme: l'expériences des États-Unis*, publicada em 1976. Nessa obra, considerada a pedra fundamental da Escola da Regulação, Aglietta está preocupado com os fatores essenciais que explicam por que as economias capitalistas centrais, em especial a economia norte-americana, começa, já no final dos anos 1960, a demonstrar sinais de enfraquecimento, estagnação econômica, dando origem ao surgimento do fenômeno inflacionário. Em linhas gerais, e sinteticamente, pode-se dizer que, se a característica central do fordismo assentava-se na relação salarial, a crise dos anos 1970/80 vem delegando à moeda papel fundamental, subtraindo qualquer influência mais efetiva das demais formas institucionais. Saliente-se que Robert Boyer e Alain Lipietz definiram as formas institucionais de estrutura

como sendo os elementos centrais que configuram a fisionomia do padrão de acumulação de capital vigente nas várias economias. São cinco: a relação salarial, a configuração do Estado, a concorrência intercapitalista, a gestão da moeda e a adesão ao regime internacional. Essas cinco formas, em conjunto, e em relativa harmonia, isto é “reguladas”, assegurariam ao sistema certa estabilidade, durabilidade e prosperidade, que persistiria por longos períodos de tempo, possivelmente na extensão de um “ciclo longo” de acumulação de capital.

É, portanto, a essa inédita e duradoura hegemonia da moeda que se referem Aglietta e Orléan, antecipando que tal hegemonia não é meramente quantitativa, nem conjuntural, mas sinal de novos tempos de disputas, antagonismos, conflitos intercapitalistas, que caracterizam nossos tempos modernos. Daí a expressão “violência da moeda”, dado que essa impõe socialmente seu caráter excludente, dominador e concentrador de renda, de riqueza e de poder. Toda a derivação dessa argumentação é feita por meio de um competente, complexo e rico quadro analítico, extremamente bem articulado dos autores, que asseguram a *A Violência da Moeda* um lugar de destaque na literatura econômica contemporânea.

IHU On-Line - O livro A violência da moeda foi publicado em 1982. Como o senhor acha que o livro poderia ser escrito hoje? O que o senhor acrescentaria?

Octavio Augusto Camargo Conceição
- Como já foi dito, o livro envolve alto nível de abstração, uma reflexão profunda e densa sobre aspectos extremamente complexos do

capitalismo contemporâneo, e, naturalmente, continua sendo bastante atual. Trata-se de uma obra essencial à compreensão do que os próprios autores qualificam de “confusões monetárias”, como uma das características mais dramáticas, tristes e reveladoras da ignorância teórica e intelectual que caracterizam nossos “pobres” tempos modernos. A moeda não pode ser entendida como um mero agregado monetário, muito menos como uma relação meramente contábil. Ela é um instrumento poderoso de natureza social que afeta de forma violenta e irreversível a vida dos povos, das nações e da própria trajetória de acumulação de capital.

IHU On-Line - O que desencadeou tamanha crise monetária? Qual seria, hoje, o maior desafio para os governantes?

Octavio Augusto Camargo Conceição
- Não se trata de uma mera crise monetária, mas da tentativa dos autores em fazer os leitores compreender que a moeda detém poderes que os instrumentos tradicionais de política econômica e a visão conservadora da ciência econômica dominante não têm como apreender. Os governantes administram a moeda, na maior parte das vezes, sem ter a menor consciência teórica do poderoso instrumento que é a própria moeda. Ela jamais poderia ser entendida como “neutra” ou destituída de poder social. Ao contrário, ela é sinal da própria manifestação das desigualdades sociais e do poder político que dela emanam e que demarcam nossa realidade. Daí seu caráter intrinsecamente violento: ela esconde em si todo o drama das desigualdades entre povos e nações.

IHU On-Line - Qual é o papel das instituições no processo de mudança e crescimento econômico?

Octavio Augusto Camargo Conceição

- Esse título advém de minha tese de doutoramento que discute a relação entre estes três fenômenos: crescimento, que pressupõe mudança (institucional e tecnológica) e um papel decisivo a ser cumprido pelas instituições. Não se trata de um estudo sobre a moeda como o fazem Aglietta e Orléan, mas aborda as instituições, como um todo, na conformação dos possíveis padrões de crescimento. Sob essa perspectiva, é importante salientar que a moeda é uma instituição, tendo, portanto, como reitera Aglietta, papel proeminente no êxito ou no fracasso do processo de crescimento econômico.

IHU On-Line - O senhor acredita que o Brasil tem um modelo de desenvolvimento econômico? Que modelo seria esse?

Octavio Augusto Camargo Conceição

- Acho que essa questão transcende os limites da obra de Aglietta e Orléan. Entretanto, se for levada a sério a tarefa de se conceber ou se apreciar um "programa" ou estratégia de crescimento econômico para o País, o papel da moeda e os ensinamentos oriundos da obra de Aglietta, sem dúvida, deveriam ser seriamente levados em conta, tanto do ponto de vista analítico quanto teórico. Sua desconsideração, como parece fazer crer o diagnóstico oficial há muito

tempo vigente – segundo o qual a pura e simples abertura comercial produziria e garantiria as benesses do crescimento auto-sustentado – apenas empobrecem uma real discussão dos efetivos limites do que viria a ser, de fato, a constituição de uma trajetória de crescimento para o País.

IHU On-Line - O modelo capitalista está em crise? Quais os principais sinais de esgotamento?

Octavio Augusto Camargo Conceição

- A crise a que Aglietta se referiu remonta ao final dos anos 1960 e início dos anos 1970. De lá para cá, várias economias prosperaram e várias, incluindo a nossa, tropeçaram na crise. Hoje se assiste, em escala mundial, a um processo de superação daquela crise, cujas noções de reestruturação, novos paradigmas e redesenho institucional são, nada mais, nada menos, que evidências da sua profundidade. Estamos na iminência de uma nova etapa de expansão capitalista, ainda sem data definida de começo ou fim, mas que, indubitavelmente, a moeda, na versão de Aglietta e Orléan, assume um caráter não só decisivo, como revelador desses novos tempos. Tentar compreender, com seriedade, a dramaticidade dos tempos modernos confere à obra dos referidos autores a importância que nunca deveria deixar de ter no debate econômico contemporâneo.

Sala de Leitura



Normose: a patologia da normalidade, de Pierre Weill, Han-Yves Leloup e Roberto Crema (Campinas: Verus, 2003). Essa obra provoca um importante questionamento do que se considera normalidade. Sua leitura oportuniza a tomada de consciência da realidade facilitando profundas mudanças na visão e na consideração de certas opiniões, hábitos e atitudes comportamentais considerados, a prima facie, normais e naturais pelas mentes mais desatentas e adormecidas. Os autores se propõem a trabalhar um dos conceitos mais importantes gerados pelo movimento holístico. Nessa obra o paradigma holístico, que é renovação da realidade e da vida, permite a criação de conceitos que mudam a maneira de ver as coisas. Normose é, então, uma palavra emergente que surge, a exemplo do paradigma holístico, como transdisciplinaridade, transreligiosidade e transpartidarismo político. A leitura é agradável e toca o leitor no sentimento da nostalgia da felicidade permanente e completa, ao mesmo tempo ensina que essa felicidade é possível e se encontra dentro de nós, basta que se entenda, afinal, o que é normalidade.

Regina Tramontini, Prof.^a Ms. da Unidade Acadêmica de Ciências Jurídicas da Unisinos.



Neste momento, entre as minhas leituras, destaco o livro: ***O que nos faz humanos: genes, natureza e experiência***, de Matt Ridley, Rio de Janeiro: Record, 2004 (tradução de Ryta Vinagre). Nele o autor discute os fatores envolvidos na determinação do comportamento humano; é ele produto de nossos genes (natureza) ou da criação (ambiente)? De forma clara e estimulante e por vezes divertida, são analisadas e discutidas diferentes correntes teóricas envolvidas nos debates que tentam explicar o comportamento humano. Em especial são apresentadas de forma compreensível as recentes descobertas sobre a influência dos genes na formação do cérebro e sua influência sobre o comportamento. Segundo o autor, estas descobertas vão influenciar de forma significativa a direção destes debates. A leitura é recomendada para todos aqueles interessados em saber o que nos torna humanos.

Vilmar Machado, Prof. Dr. da Unidade Acadêmica de Ciências da Saúde da Unisinos.



Reengenharia do Tempo (Rocco: 2003), de Rosiska Darcy de Oliveira. A autora se propõe a pensar o tempo não como algo mecânico ou tempo dos relógios. Tempo é vida. Por isso, devemos repensar o como gastamos nosso tempo. Tempo é vida. Precisamos rever os valores da cultura ancorados no trabalho, na produção e no consumo. Não nascemos somente para trabalhar e consumir. A vida se gosta e por isso quer mais.

Os laços afetivos, o tempo para si, o tempo para o lazer são indispensáveis para a nossa felicidade. A solução para o sentimento real da falta de tempo para aspectos essenciais da vida passa pela diminuição da jornada de trabalho. Trabalhar menos para todos trabalhem; trabalhar menos para viver melhor. Isso implica uma distribuição mais justa das riquezas produzidas. A reengenharia do tempo exige também uma reengenharia da sociedade. A reengenharia do tempo é tentativa de repensar o cotidiano de homens e mulheres, com vistas a aumentar sua qualidade de vida. A reengenharia do tempo é a condição de eficiência na produção de si e de uma sociedade revitalizada. É uma nova arte de viver.

Sérgio Trombetta, Prof. Ms. da Unidade Acadêmica de Ciências Humanas da Unisinos.

IHU Repórter

Silvia Maturro Panzardi Foschiera



Nascida no Uruguai é um pouco italiana e totalmente brasileira como ela mesma afirma. A coordenadora do Instituto Unilínguas da Unisinos, Silvia Foschiera faz jus à sua função na Universidade com claras características cosmopolitas. Aproveitando a própria experiência de diversidade, Silvia pegou um pouco da cultura de cada país e construiu sua família. Com sensibilidade intelectual e artística e ainda um forte sotaque que não permite esconder suas raízes, a diretora do Unilínguas conta, na entrevista que segue, sua trajetória de vida.

Origens - Nasci em Montevideu, Uruguai. Venho de uma família de migrantes italianos. Atualmente, quase todos os meus parentes foram para outros países. Está espalhada pelo mundo! Continuamos migrando. Embora a minha família fosse pequena: meu pai, minha mãe, minha irmã e eu, pela influencia italiana, a relação

entre avós, tias e primos era grande e simbiótica. Até hoje, mantemos contato com os primos como se fossem irmãos. Tenho mais de 20 primos. Meu pai era engenheiro, decidiu vir para o Brasil na década de 1970 a convite de uma empresa multinacional. Veio e ficou! Minha mãe é professora e atuou muito pouco, dedicando-se mais a família. Vim com 11 anos para Porto Alegre. E até hoje moro na capital gaúcha.

Família – Acho muito interessante a experiência que tive no Uruguai, primeiro porque o estilo de vida do uruguaio é diferente, mais tranqüilo e digamos que bastante sóbrio, pouco emocional, e a origem italiana fez o contraponto. Com base nesses dois modelos é que construí a minha família atual. Sou casada há 22 anos com um brasileiro e tenho três meninos. Cuido para que se respeite a individualidade de cada um dentro de casa. O meu filho mais velho faz música na UFRGS, e os outros dois ainda estão na escola. Entre eles, há uma diferença de idade de 4 anos e meio.

Estudos – Cheguei a Porto Alegre e fui estudar no colégio Americano. Depois ingressei na faculdade de farmácia e bioquímica na UFRGS, mas acabei interrompendo o curso. Mudei de área e formei-me em Informática pela Unisinos. Comecei a querer aproximar a informática com a área da educação da qual sempre gostei. Lembro que começava a se falar em informática na educação. Resolvi aproximar a informática da lingüística. Fiz duas especializações em lingüística e concluí o mestrado em letras na PUCRS, tendo como foco a semântica computacional.

Futuro – Estou pensando em fazer o doutorado.

Unilinguas – Conheci a Unisinos pelo meu marido que, na época, trabalhava aqui. Aprendi com ele a admirar o trabalho da Unisinos. Cursei a Universidade em um momento em que ela estava passando por dificuldades, isso foi em 1979. Entrei no Unilínguas em 1995 e, em 1997, fui convidada para assumir a coordenação do núcleo de espanhol e, em 1998, a coordenação do Instituto. Nesse mesmo ano, comecei a lecionar no Curso de Letras.

Paixão – Tirando o lugar comum de todas as mães que são os filhos, tenho uma paixão por tudo que envolva arte.

Música – Acho infelicidade ter que escolher uma música. Agora estou apreciando tudo o que seja relacionado à música instrumental, especialmente violão. Estou apreciando Federico Moreno Torroba e Fernando Sor.

Pintura - El Greco. Gosto de sua obra desde adolescente, e algumas de suas pinturas me emocionam profundamente. Este é um projeto de vida, como hobby, pois quero ainda ter a oportunidade de fazer algo vinculado à pintura ou escultura.

Filme – Um filme que me marcou muito e que tem a ver com algumas vivências da ditadura é o Z, de Costa-Gavras.

Horas livres – Gosto de escutar música, ir ao cinema, ver exposições, ler. Leio até compulsivamente, e, por hábito, mais de um livro no mesmo período. Atualmente, estou tentando agregar alguma atividade física ao meu tempo livre.

Livro – *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez.

Autor – Um autor que mexe muito comigo, talvez por ser uruguaio e escrever coisas que vivenciei é o Mario Benedetti.

Uruguai – Sinto necessidade de ir para o Uruguai. Preciso, ao menos, uma vez por ano passar pelos lugares da minha infância.

Cosmopolita – Eu me sinto muito brasileira. O dia que recebi minha naturalização li e disse à minha família: “Olha, saiu a minha naturalização”, então um dos meus filhos comentou: “Que naturalização, mãe, tu já és brasileira”.

Sonho – Quero encontrar tempo para curtir mais as coisas de que gosto.

Presente – Surpresa sempre.

Eleições – Acompanhei a história do PT desde a sua origem. Estou vivenciando um governo Lula que não está muito próximo daquilo que eu esperava. Não posso dizer que estou contente, mas o contexto não apresenta alternativas. Ainda estou amadurecendo meu voto.

Unisinos – Estudei nesta Universidade quando ela passava por um período difícil e, quando comecei a trabalhar aqui estava em uma época de crescimento. Agora, estamos vivenciando um momento crítico que exige de todos amadurecimento, conhecimento e criatividade. Para mim, isso é sinônimo de crescimento.

Instituto Humanitas – Em determinados momentos, acho o IHU muito parecido com o nosso Unilínguas. Trabalha com o mundo e a sua diversidade. Aproxima o mundo da comunidade com base na visão do humanismo social cristão, dialogando de uma forma acessível.